

Sérsi Bardari



Vaga - Lume

AMEAÇA NAS TRILHAS DO TARÔ



SUMÁRIO

1. CARTAS QUE ADIVINHAM O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO
2. UM ESPELHO DIFERENTE
3. O TARÔ É BRUXARIA, OU NÃO?
4. ... MAS O QUE SIGNIFICA ARCANO?
5. UMA LIGEIRA DEMONSTRAÇÃO DE COMO SE LÊ O TARÔ
6. COMO ARRANJAR DINHEIRO?
7. UMA VOZ VINDA DO FUNDO DOS INFERNOS
8. ALGUM PERIGO NO AR
9. PRECISO AJUDAR MINHA AMIGA
10. O LOUCO VARRE TUDO
11. O MAIS TEMÍVEL DOS BÁRBAROS
12. O QUE ESTAVA ESCRITO?
13. A FLEXIBILIDADE DO RABO DA LAGARTIXA
14. TEM UM MONTE DE GENTE QUERENDO TE DERRUBAR
15. QUEM VAI VIAJAR?
16. QUER APOSTAR?
17. AI, MEU DEUS, O QUE É ISSO?
18. NAS TREVAS, UMA EXPERIÊNCIA DE LUZ
19. UNS REZAM, OUTROS CONTAM PIADAS
20. NUNCA FOI COM TANTO AMOR
21. SINFONIA DE HORRORES
22. VIA SATÉLITE, PARA TODO O BRASIL
23. NUNCA PENSEI QUE FOSSE FAZER ISSO UM DIA!
24. A FLECHA DO CUPIDO
25. SUJEITO A CHUVAS E TROVOADAS

26. O QUE SERÁ QUE ACONTECE AGORA COM ELES?

27. UMA CORTINA DE FUMAÇA

28. VOCÊ LÊ O TARÔ PRA MIM?

1. CARTAS QUE ADIVINHAM O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO

Como era mesmo impossível controlar os adolescentes, Lúcia foi logo avisando:

- Vocês podem andar à vontade, mas quando for meio-dia todo mundo se encontra no portão de saída, tá certo!?

- Só duas horas para ver tudo!- reclamou umas das meninas, consultando o relógio.

Reflexiva, a diretora descansou os olhos verdes numa florida cerca viva de azaléias, ao longe, encerrando o gramado do jardim. O ruivo natural e luminoso dos cabelos contrastava com as roupas pesadas e escuras, próprias para o dia cinzento de inverno em São Paulo.

- Eu sei que é pouco – respondeu, por fim. – O problema é com a família de vocês.

Viúva e ainda jovem, Lúcia fazia da educação seu principal objetivo de vida. Projetava nos alunos o amor reprimido dessas mães compreensivas, que perdoam aos filhos todos os excessos.

- A senhora podia dar mais um tempo pra gente! – retrucou um garoto.

Se dependesse dela mesma, ficaria ali a tarde inteira, se a garotada quisesse. Também desejava isso. Mas o horário estava combinado com os pais, que enxergavam na diretora atitudes muito liberais.

- Tá bom! Só mais meia hora, senão depois eu levo bronca- concordou, pensando nas reclamações que certamente viriam.

De fato, percorrer a Bienal do Livro em apenas duas horas não permitia apreciar nada com calma. Principalmente de manhã, quando os corredores e estandes da exposição estavam sempre lotados de crianças correndo de um lado para o outro, mexendo e remexendo em todas as prateleiras.

Era o período em que muitas escolas realizavam visitas organizadas, assim como estava fazendo o Colégio Anita Malfatti.

Os estudantes se misturaram na multidão colorida, que se agitava no interior do imenso pavilhão do Ibirapuera.

Lúcia e a professora de Português seguiam atrás, conversando sossegadas.

- Foi ótima essa sua idéia de dividir as séries em dias diferentes para a visita à Bienal – comentou Sueli.

- Acho que a experiência deu certo! – opinou Lúcia.

- Deu mesmo – concordou a professora. Hoje, por exemplo, só com a oitava série, a gente fica mais tranqüila e dá até para curtir um pouco também!

- E, por falar nisso, vamos procurar uma livraria esotérica, que estou louca para ver uns livros de astrologia! – acrescentou a diretora.

- Astrologia!?... – espantou-se Sueli – Não sabia que você gostava desse assunto!

-Gosto, sim! – Lúcia confirmou.

Enquanto isso, os alunos do Anita Malfatti também procuravam seus interesses, meio perdidos entre os apelos promocionais das diversas editoras.

-Olhem lá o Ziraldo, autografando os livros dele! – Érica observou.

Em outro estande, um escritor parecia muito alegre, rodeado de crianças de todas as idades.

- Quem é esse?- perguntou Marco Antônio para Fabrício.

- Você não conhece!? É o Marcos Rey!

-Puxa, eu não sabia que era ele...

E lá foi Marco Antônio correndo, conversar com seu autor predileto.

Fanático por esportes, Rogério achava tudo ali muito chato. Quase não havia livros sobre o seu assunto predileto, E, ainda que fosse o contrário, dava no mesmo, porque ele não gostava de ler. Alto, acastanhado, o garoto preferia cultivar o próprio físico, já esboçando um perfil atlético, com certo orgulho.

- Ah, qual é? Perder tempo olhando livro, pô, com tanta gatinha solta por aí! – dizia para os meninos da sua turma.

- É isso aí! – concordavam alguns, sempre prontos para imitar Rogério em tudo o que ele fizesse.

O esquelético Fabrício queria distância desses colegas. Olhos de um azul quase transparente, mal desatados na brancura da pele, davam ao rapaz, de dedos magros e compridos, um aspecto de fragilidade, só atenuada pelo negro dos cabelos.

Vez ou outra, ele trocava alguma idéia com Marco Antônio, mas o que mais gostava era de andar sozinho, procurando livros de música clássica ou de História. Dois assuntos capazes de prender sua atenção por muito tempo.

Fátima parecia meio desorientada. Sempre dizia que gostava dos livros, mas, se alguém perguntasse qual o tipo de leitura preferida, não sabia responder. Não conhecia nenhum outro autor senão aqueles que era obrigada a ler na escola.

Talvez, por isso, não desgrudava de Carolina, muito segura sobre o que estava procurando.

- Veja, Fátima, é o Tarô completo. Um conjunto de livro e mais setenta e oito lâminas! – exclamou a garota, pegando uma caixa sobre o balcão de livraria.

-Tarô!? – repetiu a colega.

- Você nunca ouviu falar? – Carolina se admirou.

- Já, mas eu não sei direito o que é.

- É um jogo de cartas que seve para fazer adivinhações. Dizem que com ele a gente pode ver o passado, o presente e o futuro.

-Madame Carol, grande vidente! – zombou Vanessa, que acabava de entrar no estande e ouviu a conversa. – Você acredita nisso? – continuou, desafiante.

-Por que não? Se tanta gente culta acredita... – argumentou a menina, enfrentando a colega incrédula.

-Culta!? Ah! Só alguém muito bobo vai achar que um jogo de cartas pode fazer adivinhações! – E, virando-se para Fátima, completou: - Vê se não vai cair na conversa dessa doida, hein?

-Quem foi que pediu sua opinião? – rebateu Carolina.

Mas, depois, um sentimento de indignação misturado com desprezo a fez calar. Vanessa saiu, cheia de ironia, deixando Fátima perdida entre as duas opiniões.

- Você sabe ler essas cartas? – perguntou ela, de um jeito meio cético.

-Eu não, mas aqui ensina... – respondeu Carolina, deixando de prestar atenção na amiga, para concentrar-se na orelha do livro.

“Diz a lenda que os homens sábios da Atlântida, antigo continente desaparecido, prevendo o final de sua civilização e sabendo da existência de outros povos, saíram pelo mundo para transmitir seus conhecimentos ocultos...”

Essas eram as primeiras linhas do texto, mas causaram uma forte emoção na garota, que parou de ler e começou a refletir.

“Conhecimentos ocultos!? Por que será que essas coisas sempre foram meio escondidas? ...”

E, de alguma forma, também oculta, Carolina sentia-se atraída por aquele conhecimento, com a certeza de que sua vida começava a passar por uma grande transformação.

2. UM ESPELHO DIFERENTE

Carolina interrompeu a leitura e fechou o livro, virando a caixa de todos os lados à procura do preço.

- Nossa, como é caro! O dinheiro que eu trouxe não vai dar. Você tem algum? – ela pediu para Fátima, que continuava ao seu lado.

-Tenho um pouco, mas se eu te der não vou poder comprar nada pra mim.

- Puxa, como eu vou fazer para comprar esse livro?

Na cabeça de Carolina começaram a desfilar os nomes dos alunos mais ricos da classe, e ela ia avaliando qual deles poderia arranjar o dinheiro. Mas, de repente, dentro do estande lotado, ela notou Lúcia e Sueli entretidas diante de uma prateleira.

“Já sei”, pensou a garota, ainda segurando o Tarô. E, assim como quem não quer coisa alguma, aproximou-se das duas, cumprimentado:

-Oi!

-Oi, Carol, você numa livraria esotérica, que surpresa! – exclamou a diretora, amavelmente, logo percebendo a caixa nas mãos da aluna. - ... Deixe eu ver esse livro, que coisa mais bonita!

-Você gosta do Tarô? – perguntou Carolina.

Mas, antes de responder qualquer coisa, Lúcia se pôs a observar a publicação, pensando na fase completamente nova em que se encontrava sua vida.

A idade passando dos quarenta e trazendo junto novos questionamentos, novas necessidades que apenas os conhecimentos tradicionais não conseguiam mais satisfazer. Nenhuma pedagogia, psicologia ou qualquer outra matéria que tivesse estudado estava sendo suficiente para que ela compreendesse melhor a si mesma e a gerações que anualmente se renovavam na sua escola.

- Sabe, Carol – disse Lúcia, depois de um suspiro - , ... ultimamente tenho me interessado por tudo o que possa ajudar a entender as pessoas, independentemente das questões culturais e sociais que envolvem cada ser humano.

Fátima, que também havia se aproximado, ouviu a resposta com indiferença. Carolina, no entanto, embora não compreendesse bem o sentido daquelas palavras, procurava acompanhar o pensamento da diretora.

-O que você sabe sobre o Tarô, Lúcia? – quis saber a garota.

-Bem, Carolina, nunca me aprofundei no estudo do Tarô, mas sei que ele funciona como uma espécie de espelho do inconsciente.

- Espelho do inconsciente! – exclamou Fátima, mas acostumada com os espelhos dos shopping.

- Você quer dizer aquilo que a gente pensa, mas não sabe que está pensando, é isso? – arriscou Carolina.

-É por aí! – confirmou Lúcia, achando graça na definição feita pela garota.

- E com esse espelho a gente consegue descobrir o pensamento oculto? – insistiu Carolina, cada vez mais curiosa.

- Imagine que, em algum lugar da nossa mente, já estivessem projetados os acontecimentos futuros, como um filme dentro da sala escura. Nesse caso, a consciência funcionaria como as luzes na platéia do cinema. Se elas estão acesas, não podemos ver o filme. Ler o Tarô significa atravessar a luz da consciência e ver o que se passa na tela do inconsciente... Mas é preciso muito estudo para isso, minha filha!

- Eu quero estudar o Tarô! – afirmou a garota, com convicção.

-E, pelo que estou vendo, você está no caminho certo! Comprou um excelente livro! – comentou a diretora.

Carolina coçou a cabeça, meio envergonhada, mas cheia de coragem para pedir:

- Sabe o que é... Eu ainda não comprei. Meu dinheiro não dá. Será que você podia me emprestar a diferença?

Lúcia deu um sorriso.

-Deixe eu ver quanto custa... Tá bom, eu pago depois a gente acerta. Mas só que você vai ter de esperar um pouco, até eu decidir as minhas compras. Assim, faço um cheque só. Tudo bem?

-Claro!

Agradecida, Carolina deixou a diretora à vontade e voltou a conversar com Fátima.

O contraste entre as duas garotas era evidente. Carolina pouco cuidava da aparência, vestindo calça jeans e camiseta do colégio sob uma jaqueta matelassê de algodão. Fátima usava meias de náilon fumê, exibindo as pernas num agarrado conjunto de minissaia e blazer de veludo preto. Os cabelos loiros, em corte Chanel, e o batom brilhante completavam a imagem precoce de mulher. Bem diferente dos cachos soltos e despontados da colega, sem nenhuma maquiagem no rosto.

Quando Lúcia terminou de escolher, juntou ao Tarô os livros de astrologia e entregou tudo ao balconista para que ele fizesse a conta.

Olhando para as compras da diretora, Carolina não resistiu em fazer um comentário:

- Puxa, você vai estudar mesmo, hein!

Mas, antes de Lúcia responder, Sueli interferiu:

- Desculpe eu perguntar, mas o que fez você se interessar por astrologia?

- Acho fascinante. Quem sabe consigo me conhecer melhor... Além disso, um astrólogo fez umas previsões ruins para o meu final de ano. E quero ler sobre a influência de alguns planetas nesse momento da minha vida.

-Coisa grave? – perguntou a professora com ar de preocupada.

-Ele disse que vou me envolver em confusões, pessoas vão querer me incriminar, não sei por que, e vou ter problemas com a Justiça. Parece que minha carreira vai estar ameaçada.

- Nossa, quem iria acusar você de alguma coisa! – exclamou Carolina, olhando para Lúcia e também para Fátima, quase ao mesmo tempo.

3. O TARÔ É BRUXARIA, OU NÃO?

-Mãe, olhe só o que eu comprei! – gritou Carolina, assim que abriu a porta do apartamento, na volta da Bial.

- Agora não posso ver! – a voz soou a distância.

Na cozinha, Elizabete fritava batatas e, aproveitando a presença de Carolina, foi logo pedindo ajuda:

-Arrume a mesa para mim, Carolina! Seu pai está quase chegando e estou atrasada com o almoço.

Embora modesto, o apartamento tinha sala ampla e pé-direito alto, como só se encontra nos prédios antigos. Dava bem para acomodar dois ambientes.

Deixando a caixa em cima do sofá, Carolina tirou o vaso de flores da mesa e estendeu a toalha. Enquanto retirava os pratos e talheres do armário, volta e meia olhava de longe para o Tarô, mal podendo esperar a hora de ficar a sós com ele. A hora de pegar o livro e começar a ler, de pegar as cartas e começar a estudar.

Mas, pelo jeito, esse momento ia demorar mais do que ela imaginava.

- Hoje é aniversário da sua tia – lembrou Elizabete, entrando na sala com a travessa de fritas. – Eu já combinei tudo, nós vamos passar a tarde na casa dela... Ah, e, na volta, a gente aproveita para ir ao supermercado, já está na hora de comprar um monte de coisas aqui para casa – finalizou a mãe, retornando à cozinha.

A menina não teve tempo de responder e sentou-se, desanimada. Os cotovelos apoiados sobre a mesa, uma das mãos segurava o queixo. A outra beliscava as fritas, que ela comia sem parar.

“E se eu disser que não vou a lugar nenhum?”

Carolina, porém, logo afastou aquele pensamento. Se dissesse que não ia, acabaria discutindo, ficando nervosa, e, no fim, iria se arrepender, como em outras vezes. Além do mais, sentia pena de deixar a mãe fazer supermercado sozinha. Descarregar o velho fusca na garagem, subir com as compras três andares sem elevador...

“Tudo bem, vai! Eu começo a ler à noite”, tentava se consolar, quando Elizabete entrou novamente na sala, dessa vez trazendo a tigela de arroz.

-Ei, pare de comer essas batatas! – disse, chamando a atenção da filha, quase no mesmo instante em que notou a caixa sobre o sofá. – O que é aquilo? – perguntou.

- É o livro que comprei! – respondeu a garota, na expectativa de entusiasmar a mãe.

Ela teve uma desagradável surpresa.

- Ta-rô! Não tinha nada mais interessante para você comprar? – desdenhou Elizabete.

- Mais interessante!? Não entendi! – questionou Carolina, desapontada.

A mãe não teve tempo de responder porque um barulho de chaves na porta anunciava a chegada do pai.

Otávio entrou todo alegre, com sua aparência de bom vendedor, que havia realizado ótimos negócios naquela manhã. Largou a pasta sobre o sofá, desapertou o nó da gravata e dali a algum tempo já estava à mesa, cheio de apetite.

Mas, depois de algum tempo conversando, o almoço pela metade, ele não sorria mais. Para ele, o Tarô confundia-se com as histórias de ciganas, cartomantes, geralmente vigaristas, que ganhavam a vida explorando a fé e o sofrimento humanos.

- Sua mãe tem razão, filhinha! – comentou Otávio. Você já está na oitava série, ano que vem começa o colegial e existem tantas leituras mais úteis do que perder tempo com bruxarias! Você não acha?

-Mas o Tarô não tem nada de bruxarias- contra-argumentou a menina. – É uma coisa muito mais profunda, tem um sentido filosófico, espiritual até... Como disse a minha diretora, é uma espécie de espelho do inconsciente.

E, ao pronunciar a palavra “diretora”, Carolina provocou uma reação negativa nos pais. Os dois se entreolharam numa espécie de diálogo sem palavras. Foi então que Elizabete perguntou:

- Não me diga que foi a Lúcia quem sugeriu a você este livro?

- Não, eu vi numa revista. Ela apenas me emprestou o dinheiro. Ah, e, por falar nisso, eu preciso devolver!

A cara de Otávio era de total desconsolo. E, quando a filha terminou de falar, ele simplesmente comentou:

- Eu sempre disse que essa diretora não batia bem da cabeça!

4. ... MAS O QUE SIGNIFICA ARCANO?

E, naquela tarde, ao perceber mãe e filha no vaivém do supermercado, Rogério se abaixou atrás da gôndola de legumes, preparando uma surpresa para a garota.

Elizabete, que ia na frente, resolveu parar e escolher batatas. Carolina, que aproveitava para olhar as frutas, tomou o maior susto quando o garoto, saindo do esconderijo, sussurrou ao ouvido dela.

- E essa uvinha, aqui, tá gostosa?

Rapidamente, Carolina virou a cabeça para ver quem era.

- Ah! Só podia ser você mesmo, seu idiota! – comentou ela com raiva.

- Poxa, não precisa agredir! O que eu fiz de errado?

- Você nunca faz nada de errado, né, Rogério!? Você se acha o bom, o mais esperto, o irresistível... Pensa que tá arrasando, sempre. Mas não tá não, viu!? – explodiu a garota.

Os dois já haviam tido vários atritos na escola. O jeito extrovertido e, às vezes, meio grosseiro do rapaz vira-e-mexe incomodava a sensibilidade de Carolina.

Mas nesse dia Rogério se surpreendeu com a reação da colega. Apesar de ela viver dizendo que ele era um cara vazio e superficial, nunca tinha usado de tanta agressividade. E o garoto, ofendido, resolveu revidar:

- Ah, qual é, menina fresca!? Com tanta gatinha mais bonita por aí me dando bola, vê lá se eu ia dar justo em cima de você! Eu tava querendo era fazer uma caridade, só isso!

Essa era forte demais para Carolina. Rogério, considerado o garoto mais bonito da classe, o mais atraente, o mais sedutor, segundo suas amigas, havia tocado num ponto muito delicado.

Não é que ela se julgasse feia, horrorosa, mas tinha problemas com a beleza. Perto de Fátima, por exemplo, com aquele rosto de boneca chique, ela jamais pensou ser bonita. Ou mesmo junto da Érica, alta, mulata de lábios carnudos e olhos claros.

Baixa, de olhos pretos e pele pálida, Carolina se achava uma pessoa comum demais, sem nenhum atrativo especial. Talvez por isso ficasse tão retraída quando, numa conversa entre amigos, o assunto envolvia sexualidade.

Agora, então, com essa resposta de Rogério, ela até engasgou.

- Ora, seu... seu...

- O que foi, perdeu a fala!? – continuava ele, querendo machucar. – Quem diria, hein? A dona do verbo, aquela que se diz profunda, que fala as coisas mais bonitas, está aí, toda enroscada.

Carolina estava perto de chorar, mas se controlava.

- Pare de me encher, senão vou chamar a minha mãe!

- Chame! – desafiou o rapaz. – Olhe ela ali!

E ao virar o rosto a garota viu Elizabete conversando com Vilma, a mãe de Rogério. Enquanto aguardavam na fila da balança, as duas pareciam entretidas num assunto muito sério, completamente alheias à discussão dos filhos.

- ... Pois é, Vilma, ela não só indicou o Tarô para Carol, como também emprestou o dinheiro. Você não acha intromissão demais?

- Eu acho! – confirmou a outra. – E tem mais, o comportamento dessa diretora deixa muito a desejar. – Você já reparou nas roupas de jovem que ela usa... Dá impressão que não quer assumir a idade.

- É uma viúva alegre, mesmo! – concluiu Elizabete.

- Ela não tem filhos, não sabe qual é a responsabilidade de uma mãe, nos dias violentos de hoje – esticava a mãe de Rogério.

- Sei não, viu! Se a minha menina não estivesse no último ano, bem que eu tirava ela desse colégio!

- Pois eu faria o mesmo com Rogerinho. Inclusive, estou meio preocupada com a professora de Português. Desconfio que ela anda perseguindo meu filho, só dá nota baixa pra ele...

Mas a conversa foi interrompida quando, para alívio de Carolina, chegou a vez de Elizabete pesar as suas batatas.

- Vamos! – sugeriu a filha, falando baixinho e puxando a mãe pelo braço.

- Té logo... Té logo... – ainda disseram as mulheres.

Do lado de fora do supermercado, Carolina ficou um pouco mais calma. A perspectiva de estar logo em casa, com o Tarô, apacava a raiva e a angústia que estava sentindo.

E, de fato, ela se encontrava completamente tranqüila, quando, depois do jantar, foi para o seu quarto abraçada ao livro. Não antes de responder à pergunta provocativa de mãe:

- Você não vai assistir à novela?

- Não!

A garota vestiu a camisola de flanela, amontoou várias almofadas à cabeceira da cama e se acomodou.

“Deixa eu ver!”, pensou em voz alta, enquanto procurava no livro as primeiras explicações.

Alguns minutos depois, ela já conhecia a lenda de que o Tarô tinha chegado ao Egito através de Thot, um ser de Atlântida que se tornou deus para aquele povo. Uma civilização de 5 mil anos a.C., que aprendeu a usar o baralho como poderoso oráculo a ser consultado no caminho da espiritualização.

Carolina reagia como se estivesse encontrando os primeiros rastros de algo há muito procurado. A cada parágrafo, a história se tornava mais interessante.

“Muita gente acredita que foram os ciganos que levaram as cartas para Marselha, no Sul da França, onde elas ressurgiram na Idade Média, já com os símbolos adaptados à cultura da época.”

Durante alguns instantes, a garota repassou mentalmente os costumes da vida feudal, com seus reis, rainhas, senhores, servos, clérigos e heróis de cavalaria ainda tão presentes nos contos de fadas.

Mas logo estava mergulhada outra vez na leitura.

“O Tarô constitui-se de vinte e dois arcanos maiores e cinquenta e seis arcanos menores...”

- Mas o que significa arcano? – perguntou Carolina, conversando com o texto.

E, de súbito, lembrou-se de procurar no dicionário.

- Ah, está aqui... – disse, ao encontrar a palavra. – “Arcano é segredo, mistério, busca, procura...” Isto quer dizer que cada carta é um segredo e também uma procura. Portanto, cada carta desvenda um mistério... Nossa, que legal, vou poder descobrir muitos mistérios!

5. UMA LIGEIRA DEMONSTRAÇÃO DE COMO SE LÊ O TARÔ

Mais ou menos lá pelas dez horas da noite, Carolina descobriu que dos arcanos menores do Tarô originou-se o nosso baralho de jogar, com seus quatro naipes: paus, copas, espadas e ouros. E que, além do rei, da rainha e do valete, o Tarô tem uma figura nobre a mais: o cavaleiro.

“Outra coisa que o Tarô tem a mais do que nossas cartas modernas...”, continuava o livro, “... são os vinte e dois arcanos maiores, também conhecidos como Trunfos, que representam as experiências psíquicas que as pessoas atravessam no decorrer de suas vidas.”

“Acho que a minha diretora quis dizer isso!” – exultou a menina, interiormente.

Mas exultante mesmo ela ficou quando leu o seguinte trecho:

“Uma viagem pelas cartas do Tarô, antes de tudo, é uma viagem às nossas próprias profundezas.”

Com esta frase na cabeça, Carolina passou do livro para as lâminas, pensando:

“O que estará contido nas minhas profundezas?”

Era uma boa pergunta para fazer ao Tarô, a primeira de quem estava começando a sair da teoria para entrar na prática.

Ela então resolveu fazer um joguinho, bem rápido, o método mais simples de deitar as cartas que o livro ensinava: um arcano maior e três menores.

Bastante concentrada, Carolina embaralhou primeiro o monte das vinte e duas e depois o das cinqüenta e seis cartas. Em seguida, partiu, repartiu e colocou os dois montes sobre a mesa, com as faces voltadas para baixo, fazendo tudo da maneira que o livro ensinava.

O coração da menina batia forte, ao puxar o Trunfo e virar lentamente a lâmina, para ver qual era.

O Eremita estava escrito na extremidade inferior da carta. O número 9 aparecia em cima. No centro, a imagem de um velho preenchia quase todo o espaço restante.

Vestindo manto azul e capuz vermelho preso às costas, o ancião carregava um cajado em uma das mãos. E, na outra, erguia uma lanterna, iluminando seu próprio caminho.

- Nossa, tem um velho nas minhas profundezas! – a garota se espantou.

Mas não perdeu muito tempo nesse espanto, não. Bem depressa, puxou do segundo monte os três arcanos menores que faltavam.

Cinco de Ouros, Oito de Espadas, Valete de Ouros. As cartas saíram nessa ordem, completando o jogo.

Carolina correu para o livro, procurando o significado de cada lâmina.

“*O Eremita*: caminho solitário para a autocompreensão; mostra a pessoa descobrindo a luz interior.”

“*Cinco de Ouros*: pessoa dedicando-se a pôr em prática suas idéias; inspirações”

“*Oito de Espadas*: crítica, conflito, lágrimas.”

“*Valete de Ouros*: alcance dos objetivos, apesar de muitas lutas e sofrimentos.”



Controlando a respiração ofegante, ela se esforçava em interpretar aquela combinação. E o que parecia impossível no começo aos poucos foi clareando, a ponto de fazer Carolina falar sozinha.

- É lógico! O que está aí tem tudo a ver com o meu dia, hoje!... – ela imaginou, tirando conclusões precipitadas.

Sempre em voz alta, a garota continuou:

“O *Eremita* sou eu, sozinha, querendo me conhecer melhor. E, para isso, estou me dedicando, como diz o *Cinco de Ouros*. Ter comprado o Tarô já indica a minha dedicação... E essas críticas do *Oito de Espadas*? Já sei, só podem ser dos meus pais. Nunca pensei que eles pudessem ficar tão chocados com esse livro... Ainda bem que tem o *Valete de Ouros* ali. Tá certo que não vai ser fácil, mas vou conseguir entender essas cartas!”

Carolina se calou, boquiaberta, o olhar fixo nas cartas sobre a cama. Parecia mesmo hipnotizada ou talvez estivesse, simplesmente, viajando até as suas profundezas.

Mas de repente, ela emergiu, trazendo lá do fundo mais algumas questões.

“E quanto ao Rogério? Por que eu fui tão agressiva com ele? Ele é um chato, metido, mesmo assim, eu não sou de agredir ninguém! O que será que me aconteceu? De onde veio tanta raiva?...”

Fazendo mentalmente essas perguntas, a garota puxou outro Trunfo. E se com o *Eremita* ela já havia tomado um susto, agora então ficou inteiramente assombrada.

Estampado na lâmina, número 15, estava *O Diabo*.

6. COMO ARRANJAR DINHEIRO?

No dia seguinte, após o intervalo, os alunos que organizavam a formatura voltaram meio agitados para a aula de Geografia.

- Quanto rendeu? – perguntou Marco Antônio.

Érica rabiscou uns números no caderno e, depois de algumas contas, respondeu:

- Pouco. O salgadinho de hoje não agradou!

- Também, pudera! Esse biscoito tem gosto de isopor. Vender salgadinho na hora do intervalo só dá certo se for coisa boa, tipo coxinha, empadinha... – comentou Rodrigo ao ouvir a conversa.

- Ei, vocês aí no fundo, querem fazer o favor de prestar atenção – reclamou o professor Argemiro, que falava sobre os problemas econômicos dos países do Terceiro Mundo.

Mas não adiantou a advertência. Eles continuaram conversando do mesmo jeito.

- Nós estamos muito devagar – comentou Érica. – E o pior é que falta pouco tempo para a formatura... Desse jeito, não vai dar para fazer o baile e a viagem para o Alto da Ribeira. A gente vai ter de escolher entre uma coisa e outra.

- Eu prefiro a viagem! – Ricardo foi logo dizendo.

Mas Vanessa não concordava.

- De jeito nenhum! Formatura sem baile não é formatura. Nós temos de fazer uma festa para os nossos pais.

- Que nossos pais que nada! Quem tá se formando somos nós! – protestou Tiago.

- Eu também sou a favor do baile, porque... – argumentava outra garota quando Argemiro gritou o nome dela:

- Valéria, repita o que eu estava explicando. O que é subdesenvolvimento?

A menina ficou vermelha de vergonha. E Érica, tentando livrar sua colega da repreensão, interferiu:

- Ah, Gegê!... – disse ela, denunciando sem querer o apelido do professor entre os alunos. - ... Nós estamos falando sobre a formatura!

- É que a gente está com problemas! – reforçou Marco Antônio.

Argemiro detestava ver sua aula interrompida, mas aquele “Gegê” pronunciado de forma tão carinhosa havia quebrado o gelo do professor.

- Que tipo de problema? – perguntou ele.

- Como arranjar mais dinheiro! – responderam Rodrigo e Vanessa em coro.

- Bom, mas agora não é hora de resolver isso – falou Argemiro, escondendo afeição atrás de uma severidade ensaiada.

E, depois de alguma conversa, ficou acertado que eles voltariam a falar do assunto mais tarde, aproveitando o horário da última aula, que era vaga naquele dia.

O professor sugeriu que os interessados na formatura permanecessem, Assim, qualquer decisão que fosse tomada, todo mundo ficava logo sabendo.

Mas o que os alunos ainda não estavam sabendo é que ele estava cheio de idéias. Na hora de reunião, foi o primeiro a falar.

- É preciso incrementar a arrecadação. Vocês podem continuar com os salgadinhos no intervalo...

- Vamos caprichar, né, gente! – lembrou Rodrigo.

- Mas podemos também vender rifas – continuava Argemiro. - ... Organizar bailes e festas aqui na escola, ou mesmo jogos. Que tal um bingo, pra começar?

A turma inteira se contagiava com o entusiasmo do professor.

Apenas Fabrício e Carolina não participavam com tanta euforia. Ninguém estranhou o comportamento do rapaz porque seu jeito sereno já era conhecido. Mas a garota não enganava; aquela quietude toda era anormal. Fátima percebeu que a amiga estava deprimida e se aproximou.

- Você está bem, Carol?

- Sim – respondeu a menina, com uma cara de quem quer dizer não.

Embora preocupada em não invadir o sentimento da colega, Fátima tentou saber de alguma coisa.

- Começou a ler o Tarô?

- Já! – respondeu Carolina. – Aliás, queria falar com você sobre isso. Pode ser?

- Claro que pode! Nossa, como você está séria! – estranhou Fátima.

- Depois a gente conversa, ta! – avisou Carolina. – Preste atenção no que eles estão falando.

- Tudo bem!

Fátima se afastou, voltando a participar da reunião, no momento em que Valéria expressa a ansiedade da maioria.

- Ai, meu Deus! – exclamou a menina. – Nós temos três meses para juntar esse dinheiro. Será que vai dar tempo?

- O único jeito de saber a resposta é começando a trabalhar, imediatamente – desafiou o professor.

7. UMA VOZ VINDA DO FUNDO DOS INFERNOS

Marco Antônio e Érica, que já eram os líderes da comissão de pró-formatura, foram encarregados de organizar na prática as resoluções do grupo.

- Então está combinado, a primeira coisa que a gente vai fazer é o bingo, domingo que vem – disse o rapaz.

- Todo mundo tem de trazer uma prenda – completou Érica.

- Meu pai tem uma marcenaria, acho que ele pode fazer a roleta para o bingo! – ofereceu Tiago.

- Na hora de fazer uma festa para os pais, você nem quer saber, mas na hora do trabalho se lembra deles, né? – comentou Valéria começando a recriminar o colega.

E teria feito um sermão, se Janaína não interrompesse:

- Eu ajudo na divulgação – prontificou-se ela. – Lá na igreja que a minha mãe frequenta a mulherada adora essas coisas.

- Pra renda ser ainda maior, seria ótimo se a gente pudesse vender uns comes e bebes na hora do jogo – lembrou o professor Argemiro.

- Claro, isso é importante! – concordou Vanessa. – Vamos providenciar!

E a reunião estava quase no fim quando Rogério, em tom de brincadeira, porém de um jeito meio agressivo, perguntou:

- Quem vai guardar o dinheiro?

- Você ta sempre por fora, né, cara! – respondeu Marco Antônio, sentindo-se ofendido. – A comissão tem uma conta de poupança em nome do seu Martinez, o pai da Érica...

No meio daquela conversa nervosa, Carolina olhou firme para Rogério, tentando ferir o rapaz de alguma forma. Mas, assim como fez a manhã inteira, ele a ignorou completamente. E quem saiu ferida foi ela, quase correndo em direção ao pátio, cheio de alunos. Nunca a correria e a algazarra das crianças a incomodaram tanto. Chegou a ficar tonta no meio da confusão.

Intrigada com a reação da amiga, Fátima foi atrás:

- O que está acontecendo? Eu nunca vi você olhar para o Rogério com tanto ódio!

A resposta de Carolina foi uma explosão de choro, que deixou Fátima ainda mais confusa, sem saber como ajudar.

- Vamos lá para o banheiro – disse ela, por fim. – Seja o que for, não é bom que os outros te vejam desse jeito.

Ainda demorou algum tempo para que Carolina se acalmasse e conseguisse dizer alguma coisa, gaguejando:

- Você tem algum compromisso de tarde? ... Vamos lá para casa!

Fátima avisou que por ela estava tudo bem, só precisava avisar a mãe. E foi telefonar, enquanto a amiga enxugava as lágrimas e lavava o rosto.

Na rua, caminhando, Carolina se distraiu um pouco e começou a desabafar. Contou tudo o que tinha acontecido com ela e Rogério no supermercado. Falou das longas horas que tinha ficado lendo à noite no quarto e do primeiro jogo de Tarô.

As duas garotas já estavam dentro do ônibus quando Carolina tocou no assunto que mais a incomodava:

- ... Aí, quando eu puxei a carta, pensando no Rogério, saiu O Diabo!...

- Cruz-credo!

Por um instante Carolina achou que o comentário tinha sido de Fátima. Mas, de repente, as duas perceberam que havia uma velha no banco de trás, ouvindo tudo.

- Fale baixo! – sugeriu Fátima.

- Ah, dane-se!

Carolina não se importou. Na verdade, achou graça. O incidente serviu para que a garota recuperasse o bom-humor.

- ... Então, um vento forte começou a soprar, levantando as cortinas... – disse ela, piscando para a colega.

Fátima, acostumada com aquele tipo de brincadeira, logo percebeu as intenções da amiga e entrou no jogo:

- Não me diga! – exclamou.

- Digo mais – continuou a outra -, as portas do guarda-roupa abriram e fechavam sem parar. Na rua um cachorro uivava desesperado, quando, de repente, uma voz vinda do fundo dos infernos gritou...

- O que ela gritou? – perguntou Fátima, excitada com a história e segurando o riso a todo custo.

- A voz gritou que vinha logo buscar as velhotas enxeridas, que ficam ouvindo a conversa dos outros dentro dos ônibus – completou a garota impostando a voz.

As duas caíram na gargalhada, chamando a atenção dos demais passageiros. Carolina arriscou uma olhadela para trás. Um misto de espanto e indignação estava estampado na fisionomia da mulher.

O episódio continuou sendo assunto das garotas, mesmo depois que elas desceram do ônibus e andavam em direção à casa de Carolina.

- Puxa vida! – comentou Fátima. – Não faz nem meia hora que você estava chorando, aflita. Logo em seguida apronta uma dessas!

A garota voltou a ficar séria, cabisbaixa. O corpo arcado para frente, como se a mochila de livros e cadernos pesasse um pouco mais naquele momento. Os olhos voltados para o chão acompanhavam o meio-fio da calçada, quando ela respondeu:

- Pois é, acho que eu não to legal!

- Isso dá pra sacar... – confirmou Fátima, pedindo: - Mas termine o que você estava falando no ônibus. Você pensou no Rogério e tirou uma carta. Era *O Diabo*. O que ele significa?

- Significa paixão!

8. ALGUM PERIGO NO AR

Quando viu Fátima chegando com a filha, Elizabete colocou mais um prato na mesa. Após o almoço, Otávio voltou para o trabalho e a mãe foi ao salão de beleza. Ao ficar só com a amiga, Carolina pôs um rock no toca-discos, aumentando bastante o volume.

- Ah, como é bom quando nem pai nem mãe está em casa! – ela disse, e começou a dançar.

Fátima sentou-se no sofá e ficou olhando para a amiga. Observava seus movimentos bruscos na dança. O jeito alucinado de balançar a cabeça e chacoalhar os cabelos. As feições um pouco marcadas, sofridas, causando uma triste impressão. Não pôde deixar de comentar:

- Você está muito esquisita, hoje!

Mas Carolina não respondeu. Continuou naquele embalo um bom tempo. Até que Fátima, perdendo um pouco a paciência, levantou-se e abaixou o som:

- Você me chamou aqui pra conversar, agora fica aí dançando. Se for assim, eu vou embora.

- Desculpe, você tem razão! – concordou Carolina, como se acordasse de um sonho. – Vamos lá para o quarto – disse, desligando o aparelho. – Eu vou te mostrar o Tarô.

O que Fátima queria saber logo era aquela história de paixão por Rogério:

- Como é possível, Carol? Você nunca gostou dele!

- Pois é, estou perdida! – confessou Carolina. - ... Quem sabe você me ajuda a entender melhor.

Falando assim, ela pegou a carta número 15 e abriu o livro na página correspondente.

Fátima olhava impressionada para a lâmina. Lá estava o demônio. Uma mistura de corpo humano com chifre de veado, garras de gavião e asas de

morcego. Era homem da cintura para baixo, mas em cima tinha seios de mulher. Imagem muito mais patética e grotesca do que propriamente horripilante.

Mais abaixo aparecia um casal, também esquisito, com orelhas, chifres, cascos e caudas de animais. Os dois amarrados pelo pescoço à plataforma onde se encontrava o diabo.

- Aqui diz que: “sofrer a influência do Diabo é estar preso a qualquer idéia fixa...” – Carolina começava a ler. – “... É também ser vítima dos próprios apetites animais, entre eles a atração sexual...”

- Ah! – Fátima deu uma risada maliciosa. – Você está louca pelo Rogério, fala a verdade!

A objetividade da amiga irritou a garota. Carolina nunca pensou em ver seus conflitos existenciais reduzidos a um simples desejo carnal. Jamais havia se permitido pensar nessa possibilidade, recusando em si a própria natureza.

- Pare, deixe eu ler! – ela gritou, com o rosto quente e vermelho de sangue.

E o texto continuava:

“... Nosso emocionalismo, fanatismo, caráter vingativo, violência e confusão individuais são representados pela figura do demônio. E por ser um personagem ambivalente, pode traduzir-se numa relação de amor e ódio...”

- Tá explicado! Você está terrivelmente atraída por ele, só não quer admitir. Então, se torna violenta e agride – comentou Fátima com cuidado, para a outra não se ofender.

Carolina arfava, tensa. Se no primeiro comentário tinha julgado a amiga leviana, agora as evidências a confundiam.

- Mas não consigo sentir assim. Acho ele um cara estúpido, sem educação, antipático. Como eu poderia gostar dele?...

Fátima balançou os ombros como quem não sabia responder. Mas, dali a alguns instantes, pediu o livro para Carolina:

- Deixe eu ver uma coisa? – falou, percorrendo com os olhos alguns parágrafos.

De repente, a garota mudou de expressão. Assumiu um ar de vitória, de quem faz uma descoberta:

- Está aqui, ó! – e passou a ler.

“Como diz Baudelaire, o artifício mais hábil do diabo é convencer-nos de que não existe...”

Depois de uma pequena pausa, Fátima concluiu:

- É por isso que você pensa que não está apaixonada, mas está!

Carolina relutou, relutou e nem mesmo muita conversa serviu para que ela se convencesse. A amiga, depois de ver esgotados todos os seus argumentos, acabou desistindo. Ficou mais fácil trocar de assunto.

- Agora quero que você leia o Tarô pra mim! – ela pediu, mesmo achando que a outra não estava em condições.

Mas Carolina se entusiasmou. Mergulhar nas questões alheias era uma boa maneira de esquecer os próprios problemas.

- Então vamos abrir um jogo mais completo. São dezesseis cartas.

- Nossa! E você vai saber interpretar? – duvidou Fátima.

- Eu tento, vou acompanhando pelo livro! – explicou Carolina.

A garota ordenou o baralho, separando os arcanos maiores dos menores. Entregou os dois maços para que Fátima embaralhasse e cortasse. Por fim, pediu para que ela fosse puxando carta por carta.

Estranhamente, a cada lâmina que a amiga tirava, Carolina sentia uma espécie de tristeza, inexplicável. Num primeiro instante, pensou que ainda tivesse a ver com seus sentimentos por Rogério. Mas logo percebeu que a angústia vinha de Fátima. E ela estava, simplesmente, captando.

Coisas ruins começaram a passar pela cabeça de Carolina. Imagens desfocadas de um misterioso acidente. Gente aflita, gente nervosa, brigas, polícia. Tudo isso a garota intuía, mas não conseguia ver direito o que era nem o porquê.

Apesar de Carolina fazer um enorme esforço para manter a naturalidade, Fátima entendeu que alguma coisa não ia bem:

- O que foi, você está se sentindo mal?

- Não é nada, mas você se importa de ler o Tarô outro dia?

- Não, eu entendo. Acho até melhor! – considerou Fátima.

- Estou um pouco confusa... Este problema com o Rogério está me deixando atrapalhada! – Carolina disfarçou.

- Tudo bem! Você está a fim de ficar sozinha?

- Oh, não é isso!

- Mas vai ser bom pra você – insistiu Fátima. – Eu já estou indo...

Pedindo desculpas pela sua atitude, Carolina acompanhou a colega à porta. Em seguida, ligou o toca-discos no último volume e se pôs a dançar, alucinadamente.

Enquanto o corpo se movia inconsciente, a cabeça parecia ligada a um plano distante, trazendo de lá uma única certeza: existia algum perigo no ar.

9. PRECISO AJUDAR MINHA AMIGA

O som estava tão alto que Carolina nem percebeu o barulho de chaves na porta. Elizabete entrou muito brava:

- Abaixei isso, Carolina! Dá para se ouvir lá de baixo.

- E daí, são cinco horas da tarde! A lei do silêncio só começa às dez da noite, tá! – lembrou Carolina.

- Mas estame incomodando. Estou com dor de cabeça! – insistiu a mãe, indo para o quarto.

- Tá bom, tá bom! – concordou a filha, sem a menor disposição para discutir.

Ao passar pela porta aberta do quarto da garota, Elizabete viu as cartas esparramadas. Voltou mais irritada ainda para a sala.

- Então foi assim que você e Fátima ficaram estudando!

Carolina mentiu, dizendo que elas só pegaram o Tarô depois dos estudos. Mas não adiantou. A mãe continuou ralhando que aquilo era uma perda de tempo, que havia coisas mais importantes para se ler. Enfim, a mesma ladainha de sempre. E advertiu:

- ... Quero só ver as notas desse bimestre!

Sabendo que nenhum argumento a favor do Tarô iria aplacar aquela fúria, Carolina tentou mudar de assunto:

- Mãe, o seu cabelo está tão bonito! – ela arriscou.

Deu certo. Elizabete esqueceu as repreensões. Hesitou alguns segundos. O tempo necessário para suavizar a expressão do rosto, como se a dor de cabeça tivesse passado de repente.

- Você gostou do corte? – perguntou.

Mas, vaidosa como era, nem esperou resposta.

- ... Eu também achei que ficou bom. Já estava na hora de mudar um pouco de cara! Falta saber se o seu pai vai gostar. Acho que vai...

Falando sem parar, contando fofocas do salão de beleza, Elizabete foi para a cozinha. Da sala, Carolina ainda ficou ouvindo um tempo. Mas, tão logo a mãe se distraiu, ela voltou para o quarto e ficou olhando as cartas que Fátima havia tirado e que ainda estavam em cima da cama.

Era preciso interpretar aquela complicada configuração, enxergar melhor o que estava por acontecer. O passado e o presente não interessavam tanto. Rapidamente, a garota abriu o livro e começou a procurar o significado das cartas que simbolizavam o futuro.

De início tudo ia normal. O Trunfo número 6 chamava-se *O Enamorado*. Um homem no meio de duas mulheres parecia hesitar entre uma e outra, sem notar um cupido pairando sobre sua cabeça.

A garota logo pensou em namoro. Mas depois descobriu que o sentido da carta ia muito além.

“Luta entre razão e emoção. A pessoa que tira esse arcano tem de encontrar dentro de si a força para enfrentar o confronto. Momento de decidir entre as alternativas que a vida apresenta”, diziam as explicações.

“Que tipo de escolher a Fátima terá de fazer?” – Carolina se perguntou.

Sem saber essa resposta, passou para a primeira trinca de arcanos menores.

“Quem sabe eles podem me ajudar!?” – pensou.

Seis de Espadas queria dizer passeio, viagem. O próximo era o *Cavaleiro de Paus*, simbolizando um namorado: jovem moreno à espera de uma moça. Em seguida vinha o *Valete de Copas*, anunciando aproximação, proposta, convite.

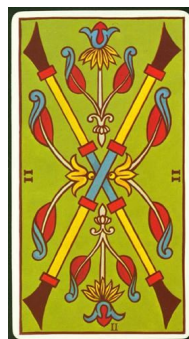
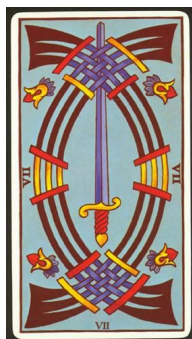


“Até aí não quer dizer nada. Fátima viaja bastante e vive rodeada de namorados...” – lembrou a garota.

A partir daí, no entanto, o que as cartas diziam era terrível. O outro arcano maior era o zero, *O Louco*. E, sobre ele o livro trazia péssimas informações. Falava de inconsciência, loucura e desatino. Questões psicológicas que perturbam a ordem estabelecida.

- Meu Deus, *O Louco*! – exclamou Carolina, ficando cada vez mais assustada, conforme ia interpretando a segunda trinca de arcanos menores.

Catástrofes imprevistas, queda de lugares altos eram prognósticos do *Sete de Espadas*. Acompanhados do *Dez de Espadas*, os fatos se agravavam em perigos misteriosos, aflição, lamentos e lágrimas. Como se ainda não bastasse, o *Dois de Paus* encerrava o jogo, prevendo sofrimento físico, temor, desolação.



Carolina pulou da cama de um salto. As mãos à cabeça quase arrancavam os cabelos enquanto ela andava de um lado para outro do quarto, pensando.

“Pelo que eu entendi, Fátima vai se decidir por um namorado num passeio ou numa viagem. Eles se aproximam, fazem alguma loucura e acabam se dando mal...”

Um sentimento de urgência estalou no coração da garota.

“Preciso ajudar a minha amiga.”

Até chegar a essa conclusão, Carolina nem se deu conta de que muito tempo havia se passado. Só percebeu o horário quando a mãe chamou para o jantar.

Otávio já estava sentado à mesa e se mostrou magoado com a filha:

- Você disse que ia estudar e passou a tarde inteira com esse Tarô, não foi!? É muito feio mentir...

Procurando manter a calma, Carolina tentou com o pai o mesmo que truque que tinha usado com a mãe: trocar de assunto.

- Você viu o cabelo da mamãe, que bonito! – ela arriscou.

Mas dessa vez não deu certo. O resultado foi um sermão, que só terminou com a campainha do telefone tocando.

Era Fátima, que convidava Carolina para o fim de semana na praia.

10. O LOUCO VARRE TUDO

Carolina passou a maior parte do sábado lendo seu livro sobre o Tarô. Só interrompeu a leitura no final da tarde, quando os pais de Fátima vieram buscá-la para viajar.

A calma da praia do Lázaro, em Ubatuba, começava nas ondas, quebrando de mansinho nos pés das garotas. De uma ponta à outra da enseada, dava para se contar as pessoas.

Embora iluminados, os dias continuavam frios no começo de setembro. Fátima e Carolina não tiveram coragem de dar uma caída no mar. Os biquínis nem haviam saído das malas. Mas, mesmo vestindo bermudas e camisetas, elas estavam adorando passear pela areia.

- É bom vir à praia nessa época do ano! – comentou Fátima.

- É, sim! – concordou Carolina. – Tem muita paz aqui!

- Pois é, quando meu pai falou que vinha resolver uns assuntos da nossa casa, logo pensei em você. Achei que estava precisando!

- Você acertou!

- Sabe, Carol, queria te perguntar umas coisas, posso?

- Fale! – ela consentiu, tentando imaginar qual era o assunto que despertava a curiosidade de Fátima.

- Você tem algum problema com os rapazes?

Carolina abaixou a cabeça. O olhar perdido em algum ponto no chão, os pés chutando a espuma da água.

- Não, nenhum! – respondeu, encabulada.

- Ah, pensa que eu não reparo como você fica quando as outras meninas falam de namorado. Quantas vezes eu deixei de te contar algumas histórias minhas, só para não te ver deprimida. O que há? Pode se abrir comigo, eu sou tua amiga!

- Não sei, Fátima! Eu não sou como você! – disse a garota, sentindo o peito apertar.

- Como assim?

- Você é bonita. Todos te acham uma gata! Você sabe conversar com os meninos... – desabafou Carolina, correndo à frente, para que a amiga não a visse chorar.

Fátima se surpreendeu. Nunca havia passado pela sua cabeça que Carolina fizesse esse tipo de comparação. E correu atrás dela:

- O que é isso? De onde você tirou essa idéia de que não é bonita? Acho que sou um pouco mais assanhada, é só isso!- E, depois de refletir uns instantes, a garota continuou: - ... Mas nem sei se vale a pena! A maior parte dos garotos é tão bocó. Já namorei muitos rapazes, mais nenhum me fez a cabeça, se você quer saber!

As duas retomaram o passo. Carolina enxugando com as mãos algumas lágrimas que ainda teimavam em escorrer pelos cantinhos dos olhos. Fátima tentando convencer a amiga de que não havia nada de errado com ela.

- ... A gente tem mais é que deixar rolar, viu? Quem sabe, um dia, o cara certo aparece! Por que você não se solta, em vez de sofrer por causa do Rogério? Dê uma chance pra ele, e pra você também!

- Mas ele é um... um cafajeste!

Fátima olhou para o céu, como quem diz: “Não adianta insistir”.

Nesse momento um garoto que passava por elas olhou insistentemente para Carolina, distraída com o horizonte.

- O cara de secou! Tá vendo como você é desligada! – comentou Fátima, querendo ajudar. - ... Você reparou que os rapazes são maioria hoje na praia?

- E o que tem isso? – quis saber Carolina.

- Se algum deles viesse falar com você, você ficava com ele?

- Assim, sem conhecer!? – espantou-se Carolina.

- Eu disse ficar pra conhecer, pra conversar... – esclareceu Fátima, tendo uma idéia. – Vamos sentar na barraca dos pastéis e tomar alguma coisa!...

Lá foram elas para a barraca do Lázaro. O pastel, feito na hora, era delicioso.

- Acho tão gozado pastel de pizza, que vou querer um – disse Carolina, procurando esquecer seus conflitos.

Fátima preferiu o de camarão. E tudo estava muito agradável naquele lugar. As cadeiras, o suco de laranja, o pastel quentinho pareciam combinar com o clima, o mar, o verde das montanhas.

Além das duas garotas, apenas um casal de meia-idade e o pessoal da barraca desfrutavam do prazer de estar ali. O tempo passando sem que ninguém se desse conta. Até que Fátima cutucou Carolina com os pés, por debaixo da mesa.

- Olhe lá, vêm vindo dois caras!

Forçando um pouco a visão, ela reconheceu um deles.

- O de sunga vermelha é o Rubinho! A gente já passou férias juntos. A casa dele é perto da nossa.

- E o outro? – perguntou Carolina, começando a ficar tímida.

- O outro eu não sei quem é!

Rubinho veio direto falar com Fátima:

- E aí, tudo legal, gata?

- Tudo. E você, gato?

- Esse aqui é um amigo meu, o Juca.

A garota sorriu e aproveitou para apresentar Carolina aos rapazes. Não demorou muito e Fátima e Rubinho começaram a relembrar antigas temporadas de verão:

- ... O réveillon estava incrível, lembra? – perguntou Fátima.

- Se lembro, foi a maior farra! – confirmou o rapaz.

Ao lado deles, Juca e Carolina tentavam quebrar o gelo do primeiro encontro:

- Bonito esse lugar, né? – ele comentou, puxando conversa.

Meio sem graça, a garota respondia secamente, com monossílabos. Era difícil para ela estar ali, diante de um rapaz desconhecido, não querendo ser antipática, mas sem disposição para demonstrar simpatia. Como invejava Fátima, em situações como aquela! A amiga tão animado com o outro, tão cheia de assunto, nem lembrava de socorrê-la. Por sorte, Rubinho fez uma sugestão geral:

- Vamos escalar aquelas pedras?!

Grandes rochas se acumulavam entre o sopé da montanha e o mar na ponta da enseada, separando o Lázaro da praia Domingas Dias. A idéia do garoto era chagar até lá, caminhando pelos rochedos.

Fátima ficou calada uns instantes. Parecia na dúvida se queria ir ou não. Juca se entusiasmou. Carolina também achou a idéia boa, mas logo se lembrou das cartas do Tarô, no jogo da amiga. E teve a certeza de que os infortúnios previstos pelo baralho iriam começar.

Analisando rapidamente os fatos, percebeu que tudo conferia: a viagem, o namorado, Rubinho, que se aproximava com uma proposta, e Fátima, hesitando em aceitar aquele convite meio louco.

“Catástrofes, perigos, quedas de lugares altos...”

A imagem e o significado do *Sete de Espadas* explodiram na memória de Carolina, ao mesmo tempo que a amiga se livrava da indecisão e comentava:

- Vamos nessa!

- Não! – gritou Carolina, sem perceber o volume da própria voz.

Os outros três se entreolharam, intrigados.

- Você tem medo? – Juca tentou adivinhar.

- Não – respondeu envergonhada. – É que está frio!... Lá na ponta deve estar muito vento. Vamos ficar! – dizia Carolina procurando dissuadir os demais.

- Subindo e descendo a gente faz exercício, esquenta. Você vai ver! – garantiu Rubinho.

Carolina não viu outra saída a não ser ir também. Mas foi prometendo a si mesma que não desgrudaria de Fátima, em nenhum instante.

A maré estava baixa, facilitando a jornada dos quatro. No começo, as pedras eram pequenas e estavam bem próximas. Ficava fácil pular de uma para a outra. Depois surgiu um patamar muito grande, por onde se andava sem dificuldades. Mais à frente é que o caminho se complicava. As distâncias entre as rochas aumentavam, tornando a aventura cada vez mais perigosa.

Num certo ponto do caminho, era preciso dar um grande salto sobre um profundo precipício. O vento, soprando forte, até desequilibrava as pessoas. Carolina estancou, pensado: “é agora!”.

- Já chega, vamos voltar! – disse com impaciência.

- Que nada! – insistiu Rubinho. – Agora que falta pouco?

- A gente tá ajuda – falou Juca, percebendo o nervosismo da garota.

Fátima também tinha medo, mas se recusava admitir e disfarçava, bancando a valente.

- Eu consigo pular! – afirmou, querendo mais convencer a si própria do que aos outros.

- Não pule, não, Fátima! Você vai cair! Vai cair! Vamos voltar! Se eles quiserem ir, que vão!

- O que é isso? – exclamou a colega. – Você pensa que eu não consigo, é? Você vai ver!

- Não! ... – Carolina gritou tão alto, tão histérica, que os rapazes se assustaram.

Mas Fátima encarou aquilo como um desafio. Jamais aceitaria os conselhos de uma menina que até fugia de meninos:

- Se você está com medo, você volta. Eu vou continuar.

“A energia d’*O Louco* varre tudo e leva outras pessoas de roldão”, era uma das frases do Tarô, que vinha agora à mente de Carolina, enquanto Fátima preparava o salto sobre o abismo.

11. O MAIS TEMÍVEL DOS BÁRBAROS

No colégio Anita Malfatti, aquele mesmo domingo estava agitado desde cedo. Vários alunos trabalhavam nos preparativos para o bingo da noite.

Marco Antônio era o coordenador, mas trocava muitas idéias com o professor Argemiro, sempre disposto a colaborar:

- As mesas e cadeiras que eu aluguei já devem estar chegando – disse o professor.

- Ótimo! – exclamou o rapaz. – O Rodrigo e o Marcel já colocaram as bebidas na geladeira da cantina. Eles querem trabalhar lá na hora do jogo.

- Quanto mais gente colaborar, melhor!

Érica cuidava da decoração e entrou na quadra carregando um rolo de papel branco, meio brilhante:

- Isso aqui vai servir de toalha. O que você acha, Ana? – perguntou.

A colega achou excelente. Logo imaginou todas as mesas forradas de branco, dando leveza ao ambiente.

- Nós vamos fazer também umas luminárias de papel de seda, coloridas – continuou Érica. – Eu falei com o Ricardo, pra ele puxar uns fios com lâmpadas...

- E o Ricardo sabe mexer com eletricidade? – perguntou Argemiro, ouvindo aquelas idéias.

- O professor de Ciências sabe! Ele já deve estar chegando!

- Ah, bom! Se o Mário vem ajudar, tudo bem!

Valéria e Vanessa recortavam fitas e faziam grandes laços de papel crepom, para colar nas paredes.

Tiago trouxe a roleta que o pai havia feito. Mas, como ainda faltava pintar os números, ele mesmo se incumbiu da função.

- ... E quem vai ficar sorteando sou eu! – fez questão de deixar bem claro.

- Tá limpo! – confirmou Marco Antônio.

Cuidar do serviço de som era tarefa para Fabrício e Juliano, que escolheram uma sala especial onde seriam montados os aparelhos. Os dois entendiam do assunto mais do que ninguém no colégio. O único problema era discutirem muito por causa das seleções de música.

- ... O negócio é rock pesado, cara! – defendia Juliano.

- Você ta louco! O pessoal que vem jogar já é coroa... – argumentou Fabrício.

- Ah, vamos tocar, só um pouco!

- Se é assim, então vou trazer meus clássicos. Beethoven, Debussy... – avisou Fabrício.

- Qual é? – irritou-se o outro. – Isso aqui não é festinha do conservatório onde você estava!

- Nem a discoteca que você frequenta!

A discussão foi longe, mas no fim eles chegaram a um acordo. Repertório variado de música popular brasileira, jazz, blues, baladas românticas e até leve ai combinar bem com o ambiente.

Juntando várias cadeiras, Érica providenciou uma espécie de bufê para os doces e salgados. Organizou também a exposição nas prendas, que seriam dadas como prêmios aos vencedores. E, num determinado canto da quadra, a escrivaninha de professor serviria como caixa, com gavetas para guardar dinheiro, fichas e tudo.

- Muito bem- aplaudiu Marco Antônio, que cuidava das cartelas do jogo.
– A disposição das mesas também está boa. Dá até pra dançar aqui nesse pedaço!

- É que esse é o nosso espaço! – esclareceu Érica.

- Nossa, que discriminação! – exclamou o professor de Ciências, n alto da escada, testando uma lâmpada. – Quer dizer que, seu eu quiser dançar, não posso!?

- Ah, Mário, claro que pode. Você ainda é um gato! – quem respondeu foi Janaína, que acabava de chagar com uma sacola cheia de flores.

- Onde você arranjou isso? – quis saber Érica.

- Por aí! – desconversou Janaína.

- Por aí, onde?

- Nas ruas, nas praças, nas casas...

- Meu Deus, você destruiu os jardins do bairro!

- Flores foram feitas mesmo para enfeitar. Elas nascem outra vez!

E Janaína saiu enfeitando todas as mesas com pequenos arranjos, montados em copos plásticos.

Os trabalhos seguiram até de tarde. A quadra sendo transformada num bonito salão de festas, muito iluminado e colorido.

Lá pelas cinco horas só estavam os alunos no colégio. Os professores tinham ido para casa. Precisavam tomar banho e trocar de roupa para a festa, marcada para começar às sete da noite.

Não demorou muito, chagou a diretora, que havia resolvido dar uma passada por ali para ver como as coisas iam andando. Antes de sair, Lúcia chamou Marco Antônio para o lado e avisou:

- O zelador está de folga hoje, e a escola não pode ficar sem ninguém até a hora do jogo. Tudo bem? Então até à noite!

Dali a pouco, a maioria dos alunos também deixou o colégio. Além do coordenador, só ficaram Fabrício e Juliano, tentando resolver um problema do som.

- O que aconteceu? – perguntou Marco Antônio.

- Não consigo entender! – respondeu Juliano.

- Deve ser fusível queimado – desconfiou Fabrício.

Era mesmo, mas eles não tinham nenhum de reserva.

- Eu não vou poder resolver isso agora – avisou Juliano. – Tenho de ir buscar minha mina e já estou atrasado.

Marco Antônio, percebendo o desespero de Fabrício, resolveu ajudar:

- Fique frio! Eu tenho um fusível desses no meu aparelho se som lá em casa. Você me espera aqui, eu vou buscar. Assim, já aproveito para tomar banho e ficar pronto de uma vez.

Enquanto isso, numa ampla casa não muito distante dali, uma turminha terrível se reunia para sujar os muros e as paredes da cidade.

- Tudo em cima? – perguntou Rogério. – Então vamos, antes que meu pai chegue e pegue a gente com essa tralha toda.

Já começava a escurecer quando os cinco rapazes saíram, carregando uma caixa com pincéis, rolos, tintas e sprays. O material necessário para registrar a marca da gangue nos locais mais altos que conseguissem.

Alex ficava de olho de um lado da rua; Mário, do outro. Gilberto segurava a lata de tinta e Leandro fazia escada com as mãos para que Rogério subisse e pichasse.

Muitas vezes eles discutiam porque queriam revezar os papéis. Mas que determinava tudo mesmo era Rogério, indiscutivelmente, o líder do grupo.

- Vamos arrepiar com o portão do colégio! – ele sugeriu.

Fosse uma sugestão ou uma ordem, dava no mesmo. Os outros acatavam no ato. E lá foram eles em direção ao Anita Malfatti.

- Essa vai ser demais, hein! – Leandro se empolgou.

- Na hora do bingo, todo mundo vai ter uma surpresa dos mais temíveis dos bárbaros! Tchan, tchan, tchan, tchan! ... – disse Márcio, entusiasmado.

Quando Rogério encostou o pincel com tinta branca no portão verde da escola, ele notou algo estranho:

- Ei, caras! Vejam, está aberto!

- Deve ter alguém preparando a quadra para o jogo de hoje à noite – desconfiou Márcio.

- Grande, cara! Vamos barbarizar! – falou Alex.

- É mesmo, a gente pode dar uma mãozinha na decoração – concordou Gilberto.

- Uau! E o que estamos esperando? – comandou o líder, empurrando o portão.

Os cinco foram direto para a quadra coberta, andando devagar e conversando baixinho. Da sala de som, onde estava, Fabrício não podia ver o que acontecia. E, com a porta fechada, muito menos ouvia coisa alguma.

- Não tem ninguém aqui! – observou Rogério.

- Olhem só, mas que gracinha! – ironizou Leandro. – Esse laço vai ficar muito melhor com uns laços pretos...

E com a lata spray, começou a rabiscar os enfeites de papel crepom. Gilberto preferia usar o pincel e escrever sobre as toalhas de papel, com uma letra que só ele e seus amigos entendiam.

Márcio se divertia borrando as luminárias. E na parede lateral, Rogério pintou bem grande o nome da equipe: OS HUNOS.

- Agora vamos correr, caras! – ele ordenou.

12. O QUE ESTAVA ESCRITO?

- Puxa, Carolina, que escândalo você deu lá nas pedras! – mencionou Fátima, enquanto as duas se aprontavam para voltar a São Paulo, no fim da tarde. - ... O Rubinho e o Juca devem ter te achado uma boboca!

Boboca era exatamente como ela se sentia, por ter acreditado nas cartas. Séria, pensativa, nem respondeu ao comentário da amiga. A mente dava mil voltas, cheia de dúvidas, tentando reavaliar os prognósticos do baralho.

Primeiro, foi aquela brincadeira de mau gosto, o arcano 15 dizendo que ela era apaixonada por Rogério. Agora, esse vexame na frente de uns rapazes tão simpáticos. O acidente com a amiga tinha sido mais uma peça armada pelo Tarô.

Pelo menos era assim que Carolina pensava.

“... A sorte é que nada de mau aconteceu com Fátima”- tranquilizava-se a garota.

Mas, se por um lado isso era um alívio, por outro, não ajudava a resolver a sua crise. Carolina começava a ficar decepcionada com todos aqueles arcanos. Assim, permanecia calada até mesmo dentro do carro, subindo a serra.

O tráfego fluía sem problemas. Néelson, o pai de Fátima, dirigindo com excelente disposição. Maria Célia, a mãe parecia um pouco ansiosa:

- Será que vai dar tempo de pegar o bingo, no colégio?
- Se o trânsito estiver bom na via Dutra, tudo bem! – respondeu ele.
- A que horas seus pais ficaram de chegar ao bingo? – era Maria Célia perguntando a Carolina.
- Lá pelas sete! É a hora marcada pra começar.
- Vamos direto, não é, meu bem!? – reafirmou a mulher.
- Corre aí, pai! – incentivou Fátima.

A essas alturas, Marco Antônio, todo arrumadinho, bem penteado, chegava de volta ao colégio. Muito apressado, nem reparou no portão. Mas foi só entrar na quadra e ficar na mesma hora de cabelos em pé.

- O que é isso? – esbravejou, levando as mãos à cabeça. - ... Fabrício! ... Fabrício! – ele saiu gritando, à procura do colega.

Fabrício, ao ver os estragos, não sabia o que pensar:

- Nossa, quem será que esteve aqui?
- Eu é que pergunto! – disse Marco Antônio, levantando a voz.
- Ee... e... eu não sei! – gaguejou o outro. – E agora?
- Agora não dá mais tempo de nada. Já está quase na hora de todo mundo chegar... Não quero nem ver a cara da diretora!... Vou dizer que você ficou tomando conta e não viu nada!

Nervoso demais, a vontade de Marco Antônio era de agredir o colega

- Pode falar! – rebateu Fabrício. – Eu explico pra ela que você esqueceu de trancar o portão.

O jeito impassível de Fabrício desarmou Marco Antônio:

- Olhe, eu trouxe o fusível. Vamos ver se dá certo – desconversou o coordenador.

- Deixe que eu faço isso! Acho melhor você ligar pra Lúcia e contar o que aconteceu aqui. Assim ela já vem preparada e não vai ter uma surpresa – aconselhou Fabrício.

Mas quem ficou surpreso foi o próprio Marco Antônio, com a reação da diretora. Ela não ficou apavorada, apenas queria saber de todos os detalhes:

- Eles quebraram alguma coisa?... Lâmpadas, instalações elétricas, você já checkou?

- Já!

- ... E os brindes, as comidas, as bebidas, estão em ordem?

-Então, eles não mexeram nessas coisas!

-Então tudo bem, nosso jogo continua! – disse Lúcia, tranquilizando o rapaz.

-Mas e os convidados, os pais dos alunos, o que eles vão pensar? – era a preocupação de Marco Antônio.

-Deixe eles pensarem que é o estilo da decoração!... Só mais uma coisa – continuou ela. -, converse com o pessoal da comissão e diga para que não façam muito alarde. Assim, seja quem for que tiver feito isso, vai perceber que não conseguiu ofuscar o brilho da festa.

Marco Antônio achou ótima a ideia da diretora e os dois até riram ao telefone. O coordenador, muito mais calmo, pediu desculpas a Fabrício, que já estava de saída para ir se arrumar. Os outros organizadores do jogo vinham chegando.

Érica ficou louca da vida, quando viu o que haviam feito com sua decoração:

- Olha aí, Valéria, estragaram tudo...

- Safados! – xingou Vanessa.

- Eu já vi essa marca dos Hunos nas ruas. Deve ser gente aqui do bairro – lembrou Tiago.

- Só não se esqueçam do que a Lúcia mandou dizer. Faz de conta que é o estilo da decoração. Tá legal! – reforçou Marco.

Meia hora depois a festa estava começando. Os primeiros convidados chegando. Érica e Marco Antônio fazendo “as honras da casa”, na recepção.

Rodrigo e Marcel prontos para servir na cantina. Vanessa cuidando dos doces e salgados. Valéria estava na caixa e Tiago só esperando um sinal para começar a girar a roleta.

Mas ele precisou ter um pouco de paciência. Ainda faltavam muitas pessoas.

Nélson, Maria Célia, Fátima e Carolina pegavam a marginal do rio Tietê naquele momento. Elizabete e Otávio saíam da garagem do prédio. E todos chegaram juntos.

Nos muros do Anita Malfatti, já se percebia a marca *Os Hunos*. Os postes e até a placa com o nome do colégio haviam sido pichados.

Olhando para a parede de uma casa, do outro lado da rua, Fátima teve um sobressalto. E cochichou no ouvido da amiga.

- Pra quem diz que não tem sorte com os rapazes, não está nada mau, hein? – disse ela, apontando para uma frase pichada com letras bem grandes.

- Nossa Senhora! – exclamou Carolina, dentro do colégio.

- Sorte mesmo! Uma declaração pública dessas! – confirmou a amiga, pensando no que estava escrito lá fora.

- Não é nada disso! – esbravejou Carolina. – Eu quis dizer que sorte que meus pais não viram!

Na quadra, Lúcia cumprimentou Otávio e Elizabete, Maria Célia e Nélson, escolhendo um lugar para eles. Familiares de alunos de todas as séries estavam presentes. A diretora aproveitou para dar uma circulada entre as mesas e trocar uma ou outra palavra com os pais dos outros alunos. Volta e meia ela ouvia um comentário cheio de ironia.

- Bonita decoração!

Ou ainda:

- Ambiente moderno, não é?

Mas, entre os dentes, muitas mães diziam coisas diferentes, umas para as outras:

- Essa diretora dá muita liberdade às crianças. Elas fazem o que querem no colégio.

- Isso aqui mais parece coisa de moleque de rua! – disse Vilma, a mãe de Rogério.

Cardoso, o pai, discursava cheio de autoridade:

- Ah, se eu pego um capeta desses sujando a minha casa!... Eu mato!

- Pois é, a cidade inteirinha está desse jeito! – comentou uma senhora.

Finalmente o jogo começou. Sem música, porque Juliano havia desaparecido e Fabrício tinha acabado de chegar. Antes de ligar o som, ele ficou conversando com Lúcia, que apareceu na sala, de repente.

A diretora tinha confiança em deixar a aparelhagem da escola por conta do rapaz, mas mesmo assim resolveu dar uma verificada.

Como não havia problema algum, ela decidiu perguntar sobre a família do rapaz.

- Seus pais não vêm?

- Eles não vão poder – disse Fabrício, envergonhado, não querendo contar que o pai e a mãe tinham tido mais uma briga.

Lúcia não insistiu. Sabia que a situação na casa do aluno não ia bem, e mudou de conversa.

- Teu companheiro de som te deu um cano! – observou ela.

- Pois é! Fiquei sozinho aqui.

- Vou mandar alguém vir aqui te ajudar! – prometeu a diretora antes de voltar para a quadra.

Depois de distribuir as cartelas, o professor Argemiro deu o sinal para que Tiago girasse a roleta.

Uma inquietação percorreu todas as mesas. As pessoas, ajeitando as cadeiras, com pedrinhas nas mãos, se preparavam para marcar os números.

- Cinquenta e quatro – cantou o rapaz.

Começava o maior burburinho. Todos torcendo por uma vitória. Carolina e Fátima, no entanto, não participavam. Conversavam intrigadas.

-... Você não imagina quem tenha feito aquela pichação? – perguntou Fátima.

- Não faço a menor idéia... Mas pode não ser pra mim! Tem outra Carolina na escola, não tem?

- Tem, sim! – lembrou-se a amiga. – Uma menina da segunda série. Deve ter uns oito anos!

Carolina ficou sem resposta para dar.

- Pois acho que sei quem foi! – insistiu Fátima.

- Você vai dizer que foi...

- O Rogério, claro!

E a surpresa delas foi grande quando viram o rapaz aparecer de repente, naquele exato momento.

- Olhe só, não se pode falar do diabo, que aparece o rabo! – comentou Carolina.

Rogério estava com sua gangue. Os outros quatro seguindo o líder. Estavam meio decepcionados, porque os colegas de formatura seguiam os conselhos de Lúcia, ignorando toda aquela sujeira.

Apesar de um certo ar arrogante, o rapaz lançou um olhar para Carolina, que fingiu não perceber.

A garota estava mais preocupada com o que estava escrito do que com quem havia escrito. Passou o resto do tempo nervosa.

E se Carolina teve sorte de os pais não terem visto nada na entrada, na saída, Elizabete e Otávio deram de cara com a pichação em letras enormes: CAROLINA GOSTOSA!

13. A FLEXIBILIDADE DO RABO DA LAGARTIXA

Já havia se passado quase um mês do bingo. As atividades pró-formatura continuavam: festas, rifas, vendas de salgadinhos na hora do intervalo. Tudo isso, muitas vezes, sendo usado pelos alunos como pretexto para perder aulas e não estudar.

O aproveitamento em todas as matérias estava prejudicado. E a situação se agravou no final do terceiro bimestre, época de realização de provas e entrega de trabalhos. Notas baixas surgiam até entre os melhores da classe.

Muito preocupada, Lúcia convocou uma reunião de professores para avaliar esse problema. Ainda por cima, pesavam contra a diretora os ataques dos pais, intensificados depois da realização do bingo.

Otávio e Elizabete haviam comparecido à escola para fazer sérias reclamações à Lúcia por causa da pichação. A filha de castigo, sem poder sair à noite, o pai de Carolina queria por toda a força que Lúcia investigasse quem tinha sido o autor daquela “afronta”, como ele dizia.

Mas, para a diretora, a ocorrência estava encerrada no dia seguinte ao jogo, quando mandou limpar as paredes.

- A melhor atitude é não valorizar essas coisas de adolescentes – foi o que ela disse para o casal.

Acusações vinham também de Maria Célia, dizendo que Fátima era assediada na escola pelos rapazes, sem que ninguém tomasse uma providência.

- Coitada, ela não sabe a filha que tem! – desabafou Lúcia, na reunião.

Os professores também opinavam, ressaltando o descaso com que a oitava série estava levando os estudos.

Alguns casos eram lamentáveis, como o de Alex, já sem chances de recuperação. Janaína seguia pelo mesmo caminho, Rogério cada vez pior em Português e a mãe querendo porque querendo responsabilizar a professora.

Mas, afora o entusiasmo com a formatura, problemas pessoais também interferiam no desenvolvimento dos alunos. Um exemplo era Fabrício, que vinha decaindo desde que os pais começaram a falar em separação.

Enfim, eram muitas as questões com que Lúcia se deparava. E não poucas vezes ela tomou para si as culpas por esses resultados negativos.

“Onde estou errando?” – perguntava-se.

Talvez a tão criticada atitude liberal não fosse mesmo o melhor jeito de se educar. Talvez a juventude tivesse mudado nos últimos anos, querendo maior austeridade.

A diretora nunca pensou que, depois de tanto tempo de trabalho, viria enfrentar novos desafios. Tudo o que acreditava em matéria de educação estava sendo colocado em xeque, questionado pelas novas gerações.

Foi repensando sua postura que Lúcia, determinada, pôs fim à reunião:

- De agora em diante, o regime é militar. Quero que vocês cobrem o máximo dos alunos- pedia aos professores. – Vamos ensinar disciplina para essa turma. Nada de perdoar, quem não trouxe os deveres de casa, perde ponto mesmo!

No dia seguinte, quando os alunos chegaram à escola, ainda não sabiam das novas resoluções. Nem tinham conhecimento das notas, que seriam entregues logo mais.

Enquanto não chegava a hora de receber as notas, os alunos da oitava série se divertiam com a habitual irreverência, que parecia mais acentuada ultimamente.

Adotando as atitudes determinadas na reunião da véspera, Ângela chegou na classe disposta a imprimir autoridade na aula de História. De cara amarrada, encostada na lousa, a professora aguardava silêncio para começar.

No início, os estudantes ficaram quietos. Mas, aos poucos, um dissimulado sussurro vindo do fundo da sala ia contagiando a classe inteira, aumentando em volume, até degenerar um falatório insuportável.

- Querem prestar atenção, por favor! – pediu a professora, procurando manter-se calma.

Mas, se o pedido surtiu algum efeito, esta não durou cinco minutos.

- Silêncio! – ela advertiu de novo, redobrando sua tão escassa dose de paciência.

Foi a mesma coisa que falar para o vento.

- Silêncio! – gritou ela, agora pela terceira vez, já com o rosto vermelho de raiva.

Risos mal disfarçados explodiram em vários pontos isolados. Compulsivamente, Ângela atirou com toda a força o giz dentro da caixa, deixando bem clara a sua intenção de interromper a matéria.

Um certo clima de suspense no ar fez, finalmente, os alunos ficarem quietos.

A professora passou então a fazer um discurso moralizador, do tipo que procura acordar os jovens para a realidade em que vivem. Desses com os quais os adultos acreditam incutir responsabilidades novas, na cabeça dos adolescentes, mas que eles ouvem com cara de enfado e uma certa ironia estampada na face.

- Que sermão mais chato! – desabafou Rogério, baixinho.

Fátima, por sua vez, foi mais desrespeitosa. A uma pergunta genérica, filosófica, de Ângela, ela respondeu algo de que depois iria se arrepender:

- O que vocês esperam da vida? – perguntou a professora, irritada.

- Ah, isso depende da flexibilidade do rabo da lagartixa! – disse a garota, sem refletir.

Ultrajada, pálida de fúria e sem argumentos para rebater, Ângela se limitou a ordenar:

- Ponha-se daqui pra fora. Vá medir a flexibilidade da lagartixa lá na sala da diretora.

14. TEM UM MONTE DE GENTE QUERENDO TE DERRUBAR

Na sala da diretora, Fátima mal conseguia erguer os olhos. Foi de cabeça baixa que ela, usando de sinceridade, contou para Lúcia o que havia acontecido na aula de História:

- ... Não fui eu que falei, foi a minha boca... Saiu sem querer – dizia, tentando se explicar.

- Pois então você tem de aprender a controlar a boca... Aliás, outra coisa que você precisa controlar é esse seu jeito com os rapazes.

A maneira forte e direta com que Lúcia abordou o assunto assustou a garota:

- Nossa! O que é isso?

- Não adianta disfarçar. Eu sei das coisas que se passa aqui na escola. E sei também que você conta na sua casa que são os meninos que agarram você.

E, sem dizer mais nada, Lúcia apanhou um bloco de papel com o nome do colégio e começou a escrever um bilhete.

Aterrorizada, Fátima esticava o pescoço, tentando ler o que ela escrevia. A diretora convocava a presença de Néelson e Maria Célia na escola.

- ... Leve isso para seus pais e traga amanhã assinado por eles, senão você não assiste aula. Agora pode ir – concluiu.

De cara emburrada, a garota correu para o pátio, sem acreditar no que estava acontecendo. Enquanto isso, Lúcia, carregando várias pilhas de carteirinhas, foi percorrer todas as séries.

Quando chegou à oitava série, Lúcia percebeu o clima de apreensão dos alunos. Nome por nome ela ia chamando e entregando as notas. Poucos rostos contentes se destacavam no final daquela distribuição. O sofrimento de uns era visível nas mais diversas reações: choro, apatia, desabafos.

Para Carolina, estar mal em matemática era algo já esperado e isso não a afligia. No entanto, ela se encontrava muito apreensiva, desde o momento em que Fátima havia sido mandada para fora da aula.

Isto porque, no conceito dela, a amiga podia ter muitos defeitos. Mas seria incapaz de desrespeitar alguém.

“Só há uma explicação!...”, ela desconfiou.

Por um segundo, viu na imaginação a figura do arcano zero do Tarô. O *Louco*, o desatinado, que aparecia no jogo de Fátima.

“Meu Deus, ela deve estar muito desequilibrada” – concluiu, preocupada.

Carolina logo balançou a cabeça, tentando afastar aquela imagem. Procurou não mergulhar ainda mais numa crise interior, que já durava quase um mês. Havia prometido a si mesma nunca mais pensar nas cartas, depois de tanto equívoco. Mas elas não saíam da sua mente.

Deprimida, a garota sentia o impulso de pedir ajuda a alguém. E foi o que fez, logo após a aula, indo até a sala da diretoria:

- Posso falar com você? – perguntou meio sem jeito a Lúcia.

A diretora ainda mantinha na voz um tom enérgico:

- Se você veio defender sua amiga, está perdendo tempo. A carteirinha dela só vou entregar na mão dos pais.

- Não é nada disso! – explicou Carolina. – Eu quero falar é sobre o Tarô.

E o som daquela palavra desanuviou o rosto da diretora:

- Sente aí, menina, fala de uma vez!

Carolina disse tudo o que tinha acontecido na sua vida, desde o dia em que inventou de comprar aquele livro na Bienal. Falou das críticas dos pais, que faziam a maior pressão contra esse tipo de leitura. Explicou as previsões trágicas que os arcanos tinham feito para Fátima. Até mesmo o caso de Rogério e *O Diabo*, que ela pretendia omitir, acabou contando sem querer.

-... É por isso que eu não tenho mais coragem de tocar naquele baralho. Ele só traz coisa ruim! – confessou a garota.

Lúcia que ouvia com muita atenção e um leve sorriso nos lábios, ficou alguns instantes sem saber o que dizer. Mas, finalmente, perguntou:

- Por acaso você está com as cartas aí?

- Não.

- Então traga amanhã pra você fazer um jogo pra mim!

Na expectativa de que Lúcia apoiasse a sua decisão de abandonar o Tarô, Carolina ficou desconcertada com o pedido. Ela ainda tentou dissuadir a diretora daquela idéia. Porém, acabou vencida pelos argumentos.

- Você precisa ter mais experiência antes de tomar qualquer resolução. Quem sabe se, precipitadamente, você acaba desistindo de algo que pode ser importante para a sua vida. Tente mais uma vez – aconselhou Lúcia.

No dia seguinte, a garota trouxe o baralho e depois das aulas foi procurar Lúcia.

- Mas, e o livro? – quis saber a diretora.

- Ficou em casa. É muito pesado pra ficar carregando.

- E você vai ser capaz de jogar sem o livro?

- Acho que eu me lembro – disse Carolina, já entregando as cartas para que Lúcia embaralhasse. – Primeiro os arcanos maiores. Você vai puxar quatro cartas! – continuava a garota. - ... Agora são doze arcanos menores.

Em poucos minutos, uma configuração de dezesseis lâminas estava montada sobre a mesa da diretora. E, virando uma por uma, Carolina começava a interpretar.

No princípio, ela falava arrastado, quase engasgando. Era um enorme esforço buscar na memória os significados de cada figura.

- Não sei se estou certa, mas... a partir de um determinado tempo, você passou a se sentir ameaçada... Parece que...

Volta e meia a garota interrompia para refletir, criando, involuntariamente, um estado de ansiedade na consulente, já impressionada com o acerto daquelas primeiras afirmações.

-... Parece que algumas coisas estavam fugindo do seu controle... – continuava Carolina. – É como se fosse um desafio. Percebendo isso, você resolveu tomar algumas atitudes para se proteger...

Nesse instante, a menina desatou a falar fluentemente. Não mais perdia tempo investigando cada carta com minúcias. Não mais sentia falta do livro nem se atropelava nos conceitos que queria expressar.

O prognóstico para a diretora vinha rápido à sua cabeça e livre de interrupções. Era como se todas aquelas lâminas servissem apenas de vagas referências para uma história que Carolina captava no ar.

Surpresa com o vocabulário e com a eloquência da aluna, Lúcia mal se movia, com medo de perder algum detalhe do que ela dizia:

- ... Aparecem aqui reuniões com muitas pessoas. E ainda, cartas, documentos, assinaturas. Tudo isso para dar maior segurança e garantia a você. Até que chega o momento em que você pensa ter conseguido ultrapassar todos os perigos. Mas é aí que está o perigo maior.

- Que perigo? – perguntou a diretora, ansiosa.

- Está vendo aqui? – Carolina apontou para um determinado arcano. – Algo vai acontecer, envolvendo um casal, que põe por terra todo o seu cuidado. E, como se não bastasse, você ainda vai ter de enfrentar um monte de gente tentando te derrubar. Polícia, delegado, tudo isso aparece.

- Nossa, quase igual ao que falou o astrólogo! – exclamou Lúcia, tirando a garota da espécie de transe em que se encontrava.

Como se só então tomasse consciência das coisas que acabava de dizer, Carolina esbravejou, cheia de mau humor:

- Tá vendo, eu não disse que só sai coisa ruim desse baralho.

15. QUEM VAI VIAJAR?

Com o fantasma das notas baixas assombrando grande parte dos alunos, o último bimestre do ano transcorreu em clima diferente dos anteriores.

A nova política de austeridade implantada pelos professores, se não conseguiu transformar todos em jovens gênios, pelo menos surtiu alguns dos efeitos esperados: a maioria passou a se dedicar mais aos estudos. Trabalhos e lições de casa eram entregues com maior pontualidade.

- Estão vendo como é? – comentou Lúcia, certo dia, na sala dos professores. – Só trabalham sob pressão. É isso aí, vamos continuar, não relaxem, não!

Pressão maior, no entanto, sofria o pessoal que organizava a formatura. Para eles, além do clima, estava alterado ainda o ritmo do bimestre. Muitas providências a serem tomadas deixavam todos aflitos, enfrentando uma verdadeira corrida contra o tempo.

Mas, nesse caso, a diretora não ficava indiferente. Tomou para si algumas tarefas, colocando-se à frente da organização do evento. Assim, pesquisando aqui, pedindo orçamento ali, deu um jeito de aproveitar bem o dinheiro da turma.

Salão de baile, banda de música, gráfica para imprimir os convites, tudo isso ela ajudou a contratar.

Agora, Lúcia dedicava maior atenção na escolha de quem conduziria os formandos pela Mata Atlântica e cavernas do alto da Ribeira. Uma responsabilidade e tanto essa de encontrar pessoas idôneas, com profundo conhecimento do local, para fazer viagens desse tipo.

Algumas empresas do ramo foram convidadas a dar palestras e apresentar seus programas. Professores e alunos participavam da seleção e, no final do processo, ninguém tinha dúvidas de que o guia deveria ser João Paulo, da Muyraquitã Turismo Ecológico.

Jovem, simpático e com alguns anos de experiência na área, o rapaz agradou aos estudantes e inspirou confiança nos educadores.

Formado em Biologia, João Paulo adorava aquela atividade e expressava isso na maneira de falar, de olhar, de gesticular:

-... Desenvolvemos um trabalho que busca resgatar o amor à Natureza e possibilita o questionamento sobre o nosso papel em relação a ela e a nós mesmos. Só assim acreditamos ser possível a conservação de poucos santuários ecológicos...

As explicações eram enriquecidas com exemplos de plantas, de animais e de minerais que eles deviam encontrar pelo caminho. E, por intermédio das palavras do biólogo, a idéia do passeio se tornava cada vez mais interessante, mais excitante.

Porém, nem todo esse entusiasmo foi suficiente para atenuar o nervosismo e a tensão em que se encontrava toda a oitava série.

Reprovação era palavra proibida nas rodas de alunos. Mas nem por isso deixava de tirar o sono de muita gente.

Alex que se conformasse. No seu caso não havia mais nada a fazer que não fosse a oitava série de novo. Ficar de recuperação em seis matérias, ninguém tinha esse direito.

Raros eram os alunos aprovados direto. Valéria e Vanessa estavam entre eles. Carolina estava precisando de nota em Matemática, sua eterna diferença. Rogério ia muito mal em Português. O problema de Fátima era com Ciências e Fabrício emperrou em Inglês.

Marco Antônio e Érica por pouco não ficaram sem chances. Com três matérias pendentes cada um, estudavam até de madrugada, desafiando o medo de não serem aprovados. Mas essa fase passou e a maioria pôde comemorar.

No dia marcado, o resultado das últimas provas foi afixado no pátio. Em meio a expressões de alívio, falatório e algazarra, um choro destoava no barulho da alegria.

Janaína estava inconsolável, fazendo par com Alex na lista dos reprovados. Era grande o seu sofrimento, e a escola, pequena demais para ela desabafar. Nem mesmo se queixando a todo mundo, conseguia interromper as lágrimas.

Fátima já era diferente, não gostava de alardear a própria dor. Ela também chorava, porém escondida no banheiro, tendo apenas Carolina por testemunha.

- Não fique assim, o importante é que você passou! – dizia a amiga, tentando acalmá-la.

- Mas eu não vou poder viajar com vocês!... Droga, tudo por culpa da diretora, aquela dedo-duro! Se ela não tivesse chamado meus pais aqui...

- Isso já faz tanto tempo!

- Castigo, foi o que eles falaram. Sem festa de formatura. Castigo, castigo... – revoltava-se Fátima.

- Quem sabe eles não mudaram de idéia? Por que você não tenta outra vez?

- Já tentei. Meu pai e minha mãe não querem nem que eu toque mais no assunto.

Carolina estava espantada com tamanha irredutibilidade. Maria Célia e Néelson não costumavam ter essa atitude.

- O que será que a Lúcia falou pra eles? – perguntou.

- Disse que eu sou namorada. Pode!?

- Ela sabe desse seu castigo? – a amiga continuou, curiosa.

- Não sei! – respondeu Fátima, desinteressada.

A diretora não sabia. Até mesmo estranhou a ausência do casal na reunião que definiu os últimos detalhes do passeio ao Parque Estadual Turístico do Alto da Ribeira, marcado para a semana seguinte.

Lúcia fazia questão de deixar tudo muito bem claro para os pais. Só poderiam viajar os alunos que tivessem autorização.

Muitas mães, no entanto, pareciam mais preocupadas com os preparativos para o baile. Mas, quanto a isso, quase tudo já havia sido combinado.

A festa seria no Clube Pinheiros, animada por um conjunto musical não muito conhecido, porém muito elogiado. A roupa dos formandos já estava definida há muito tempo: os rapazes de terno preto e as garotas de vestido branco.

- Bem tradicional, é assim que eu gosto! – disse uma das mães.

- Acho que é assim que eles preferem também! – completou outra, referindo-se aos jovens.

Terminada a reunião, tudo estava muito bem esclarecido. Foi então que a diretora, numa conversa informal com os pais de Carolina, soube do castigo de Fátima.

Ela não chegou a sentir-se culpada por ter advertido Néelson e Maria Célia sobre o comportamento da filha. Entretanto, ficou muito aborrecida, não acreditando que aquela proibição pudesse ajudar em alguma coisa na educação na menina.

Lúcia refletiu bastante e por fim resolver ajudar Fátima, telefonando para o pai dela.

No começo da conversa, o homem parecia irredutível. Depois concordou em ir à escola, junto com a esposa.

E, num contato pessoal, Lúcia acabou convencendo os dois a permitir que a garota viajasse.

16. QUER APOSTAR?

Chegou o dia do passeio.

Atordoando a cabeça do motorista, dos guias, da diretora e do professor Argemiro, trinta formandos gritavam, riam e pulavam dentro do ônibus.

Em vez de guardadas na bagagem, todos carregavam nas mãos as lanternas que João Paulo havia aconselhado a trazer, para a visita das cavernas.

A agitação só começou a diminuir depois da primeira hora de viagem. No lugar do barulho generalizado, ouvia-se agora uma cantoria. Era a ansiedade da partida desaparecendo junto com os prédios e outras construções da cidade.

Fazia pouco tempo que eles haviam alcançado a estrada. Estreita, esburacada e cheia de curvas perigosas, seguia a rodovia Régis Bittencourt, abrindo caminho rumo ao Sul do Estado de São Paulo.

Antes de se tornarem monótonos na paisagem, o verde dos campos e as montanhas no horizonte mantinham alguns alunos junto às janelas.

Assim ficou Fabrício por muito tempo, olhando lá fora, porém só enxergando para dentro. Revia a cena do pai, saindo de casa. O porta-malas do carro lotado, o guarda-roupa vazio eram os sinais definitivos de uma decisão muitas vezes adiada.

A mãe, chorando baixinho, não desceu até a garagem.

Um último abraço apertado, um até logo sentido, o motor do automóvel já esquentando, o garoto tentou pela última vez evitar a separação:

- Não vá, não, papai! Ela gosta de você!

Eduardo nem conseguiu responder. Por um segundo se lembrou do dia em que o filho nasceu. Marisa, a esposa, estava bonita e abatida após o parto. Tantas flores na maternidade talvez pudessem representar os sonhos felizes daquele casal.

Sonhos que não se realizaram e, por isso, estavam deixando Fabrício triste, no meio de toda alegria da sua formatura.

- Ei, cara, venha jogar com a gente! – chamou Marco Antônio, conhecendo os problemas do amigo e imaginando seus sentimentos.

Eles brincavam de mímica, usando apenas gestos para transmitir aos outros participantes o nome de um filme.

Rogério fazia o que era possível no espaço estreito do corredor entre as poltronas. Exagerado nos gestos, ele mais conseguia arrancar risos do pessoal que qualquer outra coisa. Quando era sua vez de representar, ninguém acertava nada.

Mais para o fundo do ônibus, embora não participando do jogo, duas garotas também riam do jeito do rapaz. E ele parecia mesmo empenhado em chamar a atenção de uma delas.

- E aí, você ainda não assumiu essa paixão? – perguntou Fátima, de repente.

Antes ela não tivesse aberto a boca e Carolina poderia continuar embevecida, sentindo o maior prazer em observar Rogério. Mas o comentário despertou sua consciência:

- Ora, lá vem você de novo com essa história! – respondeu, de cara amarrada.

- Já faz tanto tempo que você descobriu o que sente por ele e continua se enganando. É mesmo o diabo! – comentou Fátima, referindo-se ao arcano 15 do Tarô. – Sabe que eu não consigo esquecer aquela carta esquisita...

- Pois eu já esqueci! – mentiu Carolina.

-... E por falar nisso, você ficou de voltar a ler o Tarô pra mim, mas depois vieram os trabalhos, as provas e até agora nada. Quando é que...

Sem se dar conta, Fátima estava deixando a amiga cada vez mais nervosa. Afinal, tinha sido grande o esforço de Carolina para apagar da mente previsões tão negativas. E não seria agora, num passeio descontraído, que ela iria querer relembrar momentos de dor.

Por isso, tentava fugir à pergunta, mudando de assunto:

- Nossa, como esse cara dirige devagar!

Mas Fátima não se deu por vencida. Teimava em falar sobre as cartas, sem imaginar que obteria uma agressão como resposta:

- Seu pai não tinha proibido você de vir com a gente? Por que ele mudou de idéia, hein?

- Nossa, Carol! O que foi que eu fiz? Você é minha amiga ou não é?

Meio arrependida, a garota respirou fundo, procurando se acalmar.

- Desculpe, é que você fica insistindo, insistindo num assunto que... – Carolina gaguejou, antes de continuar: - Eu já decidi: esse negócio de Tarô é caso encerrado na minha vida. Nunca mais eu ponho as mãos naquele baralho.

- Minha mãe costumava dizer que quem cospe pra cima cai na cara.

- Êêê... Se você continuar com essa conversa eu vou mudar de lugar – irritou-se Carolina.

- Tá bom, tá bom!

E a discussão foi substituída pelo silêncio, novamente quebrado por causa do jogo de mímica.

Recuperado da depressão, ou pelo menos distraído dela, Fabrício, de pé no corredor, gesticulava para um pequeno grupo.

Fátima era quem não tirava o olho do garoto e Carolina resolveu ir à forra:

- O Fabrício é o próximo da sua lista, é?
- Puxa, até você, Carol?
- Tô brincando, é que esse seu modo de olhar não me engana.

- E quem disse que eu to afim de enganar alguém? – indagou Fátima, confirmando. – Aliás, eu é que estava enganada esse tempo todo, achando o Fabrício meio bocó. Só porque ele é tímido, meio quieto, imagine! Até que enfim eu descobri que prefiro mil vezes rapazes assim. Olhe lá pra ele, olhe! Todo sem jeito. Não é um gatinho?

- Mesmo sem jeito, está se esforçando para fazer a mímica.
- Tô apaixonada! – admitiu Fátima.
- Isso não é novidade – provocou Carolina.
- Mas dessa vez é diferente. Eu sinto que é diferente.
- Tá certo.

- Você não acredita, não é?... Também não precisa. Você vai ver só uma coisa: antes de voltar para São Paulo, já vou estar namorando com ele. Quer apostar?

17. AI, MEU DEUS, O QUE É ISSO?

Na cabeça de alguns formandos, a idéia daquela viagem havia se tornado uma grande fantasia de sobrevivência na selva. Talvez por isso eles estranharam quando o ônibus entrou em Apiaí.

- Ué! Nós vamos ficar nesta cidade? – perguntou Rodrigo.
- Você não sabia? – espantou-se Marco Antônio.
- Ah, eu pensei que a gente fosse para umas cabanas no meio do mato.

- É isso que dá faltar as reuniões – argumentou Érica, em tom repreensivo.

João Paulo, acostumado a organizar passeios com muitos jovens, não se desorientava com o tumulto da chegada na recepção do hotel.

- Vocês vão ficar em grupos de quatro – avisou ele.

E o rebuliço de alunos foi ainda maior. Cada um procurando seus parceiros prediletos: o companheiro de farra, o colega mais próximo, a amiga mais íntima.

- Epa! Moças e rapazes juntos não pode – brincou o guia, dividindo um monte de chaves entre Lúcia e Argemiro.

Quem iria ficar com quem era coisa que tanto o diretor quanto a professora podiam, de antemão, adivinhar. Foram anos convivendo com a turma toda para não perceberem quais eram os grupinhos.

Embora desfalcada de Alex, a gangue de Rogério estava lá, firme, reunida.

Carolina e Fátima sempre se deram bem com Valéria. O problema era ter de aturar Vanessa, de quem quase ninguém gostava.

- Essa menina é muito metida – desabafou Fátima.

Mas, como Valéria e Vanessa sempre estavam juntas, não tinha outro jeito senão agüentar a garota.

- Coitada, algum dia ela vai se tocar de que é igual a todo mundo – defendeu Carolina, em voz baixa, antes de Vanessa entrar no quarto.

Mas ela já chegou arrogante:

- Eu sou a primeira a tomar banho.

As outras três se entreolharam e, como num movimento ensaiado, deram de ombros, soltando uma risada.

Assim como as meninas, todos os demais visitantes já estavam instalados e cuidando de relaxar. Cinco horas dentro de um ônibus, em pleno verão de dezembro, esgota qualquer um.

Depois do jantar, um rápido passeio, um sorvete na cidade...

-... E nada de dormir muito tarde, porque amanhã todo mundo vai ter de pular cedo da cama – avisou Argemiro.

- É, sim – confirmou João Paulo. – Amanhã teremos um longo dia na mata. Vamos atravessar rios e visitar cavernas.

O domingo, de fato, já começou puxado, com o grupo subindo e descendo montanhas, por trilhas estreitas, abertas no meio da mata. Era mesmo de se esperar que alguém tivesse medo.

- Só podia ser você! Ande, sua boba, não tem perigo, não – dizia Tiago, seguindo atrás de Vanessa.

De vez em quando a garota interrompia a caminhada. Na primeira delas chegou a assustar o resto do pessoal:

- Ai, meu Deus, o que é isso? – gritava esfregando as mãos no rosto e nos cabelos. – Tem uma coisa grudando em mim.

O guia teve de abandonar sua posição à frente do grupo e voltar picada abaixo até o local onde estava Vanessa:

- Não se assuste. São apenas alguns fios de teia de aranha. Mas, com tanta gente passando por aqui, a aranha já deve estar longe – disse ele, cheio de paciência.

Resolvida a questão, a caminhada pôde recomeçar. João Paulo voltou à dianteira, puxando a fila. Lúcia seguia no meio dos trinta, e Argemiro, no fim. Havia ainda mais dois monitores, intercalados no grupo.

De um lado e de outro, a vegetação cerrada deixava o caminho à sombra, apesar de o sol já ir alto naquela manhã. Um ou outro raio conseguia atravessar a copas das árvores, criando efeitos de luz, ora aumentando em intensidade o verde das folhagens, ora rebrilhando numa gota de orvalho.

Por mais forte que o vento batesse, ali só conseguia chegar uma leve brisa, fresca, levantando no ar a umidade do solo.

- Como é bom respirar aqui! – suspirou Lúcia, aspirando o máximo de ar que cabia em seus pulmões.

Num passeio como esse, ninguém conseguiria enumerar, e nenhum guia poderia explicar, as mais diversas espécies de plantas que se enroscavam e embaraçavam no meio da Mata Atlântica.

Rasteira, trepadeiras, arbustos, samambaias, palmeiras, tipos espinhentos e mais uma infinidade de espécies, de que João Paulo ia falando por alto, comentando uma ou outra curiosidade.

Mas sempre havia quem não soubesse respeitar. Gilberto, volta e meia, pisava fora da trilha, esmagando os brotos mais delicados. Márcio, desrespeitando o regulamento do parque, carregava um canivete e não hesitava em ferir os troncos por onde passava. Num deles começou a gravar o H de “Hunos”, quando Rogério o surpreendeu com um safanão:

- Tá louco, cara? Quer entregar todo mundo, é? E, depois, aí não é lugar de ficar rabiscando – disse, com toda a sua autoridade de líder, porém em voz baixa para não chamar atenção.

- Tô te estranhando! – resmungou Márcio.

- Isso aqui é o paraíso, não tem nada a ver ficar estragando!

Embora falando discretamente, Rogério não conseguiu evitar que Fátima percebesse o que havia se passado. A garota apenas lamentou que Carolina não estivesse ali para ouvir aquela conversa. A mata estava causando algum efeito na cabeça do rapaz.

Mas Argemiro se encontrava perto e, ao descobrir o autor daquelas marcas nas árvores, armou o maior escarcéu:

- Me dê isso aqui, seu moleque duma figa! Será que você não ouviu as instruções?

Como Márcio se recusasse a entregar o canivete, a discussão se prolongou um pouco, só terminando quando o professor conseguiu tirar o objeto das mãos do garoto.

A essa altura, o pessoal alcançava a entrada da caverna de Santana. Fátima queria porque queria chegar perto de Carolina, mas estava difícil.

Para passar pela abertura na rocha, o grande número de visitantes foi dividido em três grupos, cada um seguindo um guia diferente. E foi apenas na saída que Fátima conseguiu se aproximar da amiga, tentando contar o que tinha escutado de Rogério.

- Eu não quero saber de nada! – respondeu Carolina, depois de ouvir tudo.

Ela ainda estava extasiada com a beleza da caverna. A visita tinha sido dificultosa, porém o lugar era fantástico.

Imensos salões de formação calcária, ricamente ornamentados por espeleotemas, abriam-se na escuridão do subsolo. No início, até que não houve tantos problemas. Com suas lanternas em punho, os alunos percorreram as galerias, seguindo o curso do rio Roncador.

Alcançar níveis superiores, no entanto, é que representou verdadeiros desafios. Foi preciso andar agachado alguns trechos. Ou então equilibrado em pinguelas estreitas e escorregadias, com um precipício negro embaixo.

Vanessa só atravessou a caverna com a ajuda de João Paulo, que agora, do lado de fora, dava algumas instruções:

- Vamos continuar por essa trilha – disse, apontando para uma direção. - ... Passando a caverna Água Suja, tem a cachoeira Andorinhas, linda! A gente toma um belo banho e aproveita para fazer o nosso lanche por lá mesmo.

Todo mundo achou a idéia ótima e seguiram floresta adentro, em fila indiana.

O banho de cachoeira foi uma alegria. Até Lúcia e Argemiro se enfiaram debaixo da água. João Paulo, brincando com os alunos, parecia o mais adolescente de todos.

Tão gostoso quanto a ducha fria, estava o calor do sol, batendo na pele, secando os cabelos. Assim, logo eles estavam enxutos e vestidos para o lanche.

A fome era enorme, depois de tanta energia gasta. Apenas Fabrício comia pouco e meio afastado do grupo. Até na hora da sesta, quando cada turma se esticou num canto para descansar, ele permaneceu isolado, perambulando nas redondezas da clareira.

Fátima, sentada na relva, vigiava-o de longe, com vontade de chagar perto dele. Porém, normalmente tão desinibida, a garota experimentava uma espécie de receio em se aproximar. Talvez porque imaginasse o que ia pelo pensamento do garoto, sofrendo com a separação dos pais, e não quisesse invadir sua privacidade.

Ou ainda, o que era mais provável, porque pela primeira vez sentia-se verdadeiramente apaixonada.

Observando estava, observando ela ficou à espera de uma oportunidade de puxar assunto. De repente, Fabrício se abaixou para pegar algo no chão. Aí estava o pretexto de que Fátima precisava:

- O que você achou? – perguntou, chegando perto do garoto.

Sem dizer nada, ele abriu a mão mostrando um objeto. A garota reconheceu o canivete de Márcio e contou a história para Fabrício.

- Deve ter caído do bolso do professor – concluiu ela, por fim.

E se esse assunto funcionou para quebrar o gelo entre os dois, serviu apenas para isso, porque em seguida eles se calaram.

Fátima, meio tensa, procurava uma forma de prolongar aqueles instantes em que estavam juntos e a sós. De súbito, lembrou-se de oferecer chocolates. E, como ele aceitasse, lá foi ela vitoriosa buscar a mochila.

O chocolate pareceu aquecer aquele encontro. Fabrício, até então em silêncio, começou a se abrir, a falar muito e a chorar.

Triste com a situação do garoto, Fátima no entanto sentia-se feliz. Tinha adquirido a confiança e participava da intimidade de alguém tão fechado. De alguém que, a partir de agora, ela passava a gostar ainda mais.

Era uma emoção completamente nova, que a garota não queria repartir com ninguém. Talvez tenha sido por isso que, enquanto Fabrício falava, inconscientemente, Fátima o puxava pela mão.

Acabaram penetrando por uma picada muito estreita, dessas que mal se acaba de passar o mato levanta de novo, escondendo o caminho de volta.

O resultado foi que, quando eles quiseram voltar, já não sabiam mais por onde ir.

18. NAS TREVAS, UMA EXPERIÊNCIA DE LUZ

- Olhe só pra mim, estou toda arranhada por causa dessas trilhas. Vou ter de ir no baile assim, já pensou? ... Se eu soubesse, juro que não vinha... Eles deviam alargar os caminhos, limpar um pouco mais o mato... A caverna, então, precisa ser iluminada.

Se Vanessa soubesse prestar atenção nos outros, iria perceber que estava falando sozinha.

Embora estivesse ao lado dela, descansando à sombra de um guapuruvu, Carolina tinha a mente distante. Também pensava no escuro debaixo da terra, mas longe de imaginar a necessidade de qualquer iluminação.

Atravessar as galerias nas trevas tinha sido uma experiência de luz. Algo como de o débil foco da lanterna que carregava pudesse clarear ainda os caminhos do espírito e da razão.

Recostada no tronco das árvores, o rosto voltado para o céu, ela se lembrou do arcano 9 do Tarô: *O Eremita*. Dependurada na imaginação da garota, lá estava a figura do velho barbado, de manto azul, trazendo na mão uma lanterna.

“Acredite no seu coração... acredite no seu coração.”

E Carolina pensou ter escutado a voz do ancião. Porém, logo reconheceu a própria consciência, cochichando em seu ouvido palavras de autoconfiança.

Chacoalhando a cabeça, a garota baixou o olhar. Sumiu o velho, apareceu Rogério diante da sua visão. A nuca apoiada numa pedra, o rapaz cochilava tranqüilo às margens do rio Bethary. Fisionomia serena, corpo largado formavam na idéia da adolescente a imagem da inocência que até agora ela se recusava a enxergar.

“Ele defendeu a Natureza... ele defendeu a Natureza”, pensou ela duas vezes, como que para reafirmar a grandeza do herói.

Carolina se virou para o lado e lamentou ver Vanessa, em vez de Fátima. Queria repartir com a amiga aquela mudança que acabava de se dar em seu interior.

- Ei, Carol, você não está me ouvindo? Ou está tendo uma de suas clarividências? – quis saber Vanessa.

- Cadê a Fátima? – perguntou Carolina, ignorando as questões da outra.

Vanessa deu um sorriso malicioso.

- Deve estar dando em cima de alguém. Ainda agora estava ali, conversando com o Fabrício.

Sem dar nenhuma resposta aos comentários maldosos de Vanessa, Caroline se levantou e foi perguntar ao Marco Antônio, que por acaso vinha passando:

- Você viu o Fabrício?

- Não – respondeu o rapaz. – Deve estar pó aí... Bem que eu tentei dar uma força, você sabe, ele está mal...

- Eu sei. Mas eu queria mesmo era falar com a Fátima. Parece que ela estava com Fabrício.

- Ah, então, que bom pra ele!

- É... – confirmou Carolina, disfarçando uma certa apreensão.

Num rápido correr de olhos por toda a clareira, passando em revista as duas margens do rio, a garota podia ver a turma inteira, menos quem procurava.

Conferiu tudo novamente. Dessa vez mais devagar, contando os alunos de cada grupinho. Total: vinte e sete. Não havia erro. Fátima e Fabrício não estavam por ali.

Uma estranha intuição invadiu Carolina. Algo tão intenso que Marco Antônio percebeu.

- Ei, Carol, você está nervosa. O que foi?

- Será que eles se perderam?

- Ora... O que é isso? – duvidou o garoto, para logo em seguida deixar-se contagiar pela mesma suspeita. – Será?

- Você acha que deveríamos avisar alguém?

- Vamos dar mais um tempo. Quem sabe se eles estão namorando por aí, escondidos – sugeriu Marco Antônio, tentando descontraír a conversa.

Porém, chegou uma hora em que não dava mais para esperar. A sesta estava acabando, João Paulo chamando. E nada dos dois aparecerem.

Pelo jeito, Lúcia já desconfiava de algo. Volta e meia esticava o pescoço, querendo enxergar por cima das cabeças, em diversas direções.

Argemiro, no entanto, ia ficando cada vez mais irado com o sumiço do canivete.

- Quem teve o atrevimento de mexer no bolso da minha calça? – perguntava ele, quase urrando. – Foi você, né, Márcio?

- Eu não! Pode revistar as minhas coisas!

- Eu vou descobrir!

- Acho bom – ironizou o aluno. – Porque senão vai ter de pagar outro.

Enquanto as atenções se voltavam para o professor, Carolina e Marco Antônio correram até onde se encontrava a diretora.

- Carolina do céu, onde está sua amiga? – Lúcia foi logo perguntando, antes mesmo que os dois abrissem a boca.

- Pois é, não sabemos dela – respondeu a garota.

- Nem do Fabrício – completou o garoto.

A contar pela reação, os três devem ter tido o mesmo pensamento. Primeiro olharam para os guias, preparando a volta, e depois para o sol, descendo por detrás da montanha.

- Pare aí, João Paulo! – gritou Lúcia, interrompendo a organização da fila.

O sobressalto foi geral. Argemiro engoliu o s berros e ficou pálido. Junto com o burburinho dos alunos, uma onda de medo se espalhava rapidamente. Não faltavam os risos histéricos e as piadas nervosas.

Todos na expectativa de uma atitude do condutor. Talvez com a esperança de que ele, num passe de mágica ou ato de bravura, trouxesse de volta o casal perdido.

19. UNS REZAM, OUTROS CONTAM PIADAS

João Paulo olhou para o relógio e franziu a testa, lastimando. A distância da entrada do parque e o avançado da hora não permitiriam uma busca antes do anoitecer. Era preciso encontrar uma solução, e bem depressa:

- Eu fico vasculhando a área. Vocês vão na frente com os monitores e avisam o pessoal do parque. Com certeza eles vão mandar alguns funcionários do parque para ajudar.

A idéia era sensata, Lúcia é quem não conseguia raciocinar, de tão aturdida que estava. E contestou:

- Não podemos ir embora e deixá-los perdidos. Eles não devem estar longe, talvez fosse melhor esperarmos um pouco.

- Arriscando descer no escuro e perder mais alguém? Nada disso!

João Paulo foi enfático. Realmente não podia expor o grupo inteiro a novos riscos. Por isso, reafirmou:

- Façam como eu estou falando, vai ser melhor!

- É mesmo! – concordou Argemiro, passando o braço direito por cima dos ombros da diretora. – Ele tem razão, Lúcia, e também experiência na mata. Fique tranqüila. Tenho certeza que a gente chega num pé e ele noutro, trazendo os dois perdidos.

- Arrastados pelas orelhas, espero! – completou a diretora, deixando transparecer o sofrimento. – Onde já se viu, fazer a gente passar um nervoso desses!

- Então vamos logo – insistiu o professor, que, embora disfarçasse, não escondia uma pontinha de medo.

- Cuidado na volta, hein? – aconselhou João Paulo para os outros guias. – Fiquem de olho nessa moçada!

- Posso ficar com você? – perguntou Rogério, todo valente.

- Não, não pode.

- Mas eu tenho as manhas de andar no mato... E você vai precisar de alguém – teimou o garoto.

- Quanto antes vocês chegarem na administração do parque, mais depressa eu terei ajuda. Agora vão.

Sem o entusiasmo e a excitação da ida, o retorno parecia mais complicado. As íngremes subidas de antes eram agora abruptas e escorregadias descidas.

A tensão de todos contribuía para dificultar o caminho ainda mais. Ora alguém deslizava, derrubando junto dois ou três à frente. Ora Vanessa entrava em pânico, gritando feito doida. Levava um tempo até Lúcia conseguir acalmar a garota.

Mas mesmo com todo esse tumulto, logo eles estavam no hotel, mortos de cansaço.

Para o alto da cachoeira já haviam seguido três guias do parque. Potentes lanternas, cordas com ganhos, cantis, rádios comunicadores, tudo isso eles levaram, e ainda outros equipamentos de emergência.

- Vamos nos dividir – sugeriu João Paulo ao encontrar com os homens.
– Vocês dois esquadriham o lado direito, e nós, o lado esquerdo do rio. Qualquer novidade a gente se comunica pelo rádio.

Enquanto isso, no hotel, uma outra pessoa, se pudesse, daria tudo para ter um rádio desses. Ouvir cada passo daquela busca, perceber a movimentação na floresta, com todas as angústias e esperanças, mesmo de longe, era melhor do que a aflição surda e cega que Lúcia experimentava no quarto, junto com Valéria, Vanessa e Carolina.

- O que estará acontecendo, meu Deus? – perguntava a diretora, sem esperando de obter resposta. – Será que já encontraram os dois? Vocês sabem rezar, meninas? Pois então vamos rezar. Eu até que gostaria de acender uma vela...

Carolina, por sua vez, queria afastar do pensamento as imagens do Tarô. Era inevitável que se lembrasse do jogo de Fátima e impossível ainda esquecer o vexame cometido na praia do Lázaro, em Ubatuba, quando ela tinha agido como uma idiota, esperando fatos que não aconteceram.

Por isso, a idéia de acender uma vela funcionou como pretexto. Aproveitando que também tinha fé nesse ato, a garota resolveu esticar o assunto:

- Ah, eles devem ter velas aqui no hotel. Vou ver se arranjo – disse, seguindo em direção à porta. E antes de sair completou: - Seria bom se a gente arranjasse duas, uma para cada anjo da guarda.

- Esses anjos da guarda vão precisar de muita luz mesmo para salvar aqueles dois no meio dessa escuridão – comentou Valéria, puxando a cortina e espiando pela janela.

Parecia ser com muito custo que a iluminação fraca do poste atravessava galhos e folhas de árvores, para clarear um pequeno trecho da rua. Mergulhada no silêncio, a atmosfera quente e abafada da noite sem brisa aumentava o clima de melancolia no interior do apartamento.

As velas, conseguidas na cozinha, iam pela metade e as oração em pleno fervor quando, atravessando todo o ambiente, uma aragem fresca denunciou a madrugada.

De joelhos, as mãos juntas à frente do peito, Lúcia estremeceu:

- Nossa, como é tarde!

Valéria se levantou para fechar a veneziana. Interrompendo a reza, Carolina olhou inconformada para a outra colega:

- Como pode? Dormir numa situação dessas!

- Deixa ela descansar – disse a diretora. – Para Vanessa, o passeio foi uma experiência muito difícil.

Em alguns outros quartos do hotel de Apiaí também não se dormia. O de Rogério e sua turma era um deles. Marco Antônio tinha ido para lá. Todos estavam preocupados. Mas, em vez de rezarem, os meninos jogavam palitinhos ou conversavam, fazendo pilhéria com a situação. Um por um, para espantar o nervosismo, ia falando besteira cada vez maior:

- Vai ver que a Fátima tirou a roupa na frente do Fabrício e ele, do jeito que é tímido, desmaiou.

- Pois eu acho que foi o Fabrício que se encheu de coragem e caiu matando em cima dela.

E, assim, entre piadas e orações, surgiram os primeiros raios do sol, sem que viesse alguma notícia dos companheiros perdidos.

Argemiro, em vigília, passou a noite na recepção esperando por João Paulo. O guia chegou abatido, suado, cansado e... sozinho.

20. NUNCA FOI COM TANTO AMOR

Acostumado a esconder seus sentimentos, não seria agora que Fabrício ia expor o meso assim facilmente. Embora preocupado, o garoto parecia impassível.

Fátima, que era toda emoção, jamais conseguiria se controlar. Em menos de uma hora perdida na floresta, ela já havia esboçado reações as mais

desequilibradas possíveis. Da ameaça de choro ao rompante de valentia, ia a garota transitando pelos extremos, em poucos segundos:

- Nós viemos dessa direção... Ou será que foi por essa? – perguntava, posicionada num entroncamento do que se podia chamar de supostos caminhos.

A dúvida, no entanto, persistia até que uma espécie de intuição, vinda de não se sabe de onde, surgia para resolver o impasse:

- Já sei, foi por aqui, tenho certeza! Vamos, Fabrício, logo vamos encontrar a trilha.

Sem muita convicção, mas cheio de esperanças, o garoto concordava.

E, assim, abrindo passagem na mata com as próprias mãos, tropeçando nas tramas cerradas das plantas rasteiras, enganchando pedaços de roupas nos galhos ou espinhos, entre outros empecilhos, seguiam os dois desorientados.

- Cuidado onde você pisa, e também onde pega, pode ter algum bicho! – alertou Fabrício.

- Ai, por que você foi se lembrar disso agora? Eu vou ficar mais apavorada ainda.

Fátima já começava a perder sua bravura novamente. Muitas horas tinham se passado. A posição do sol dando conta do entardecer e nem sinal da trilha ou do rio, que também traria a salvação. A garota se pôs a gritar:

- Lúcia!... João Paulo!... Argemiro!... Pessoal, estamos aqui! Perdidos, perdidos...

Mas as lágrimas já se misturavam aos gritos, embargando na garganta o pedido de socorro.

Fabrício correu para abraçar Fátima. Não com o propósito de consolar a amiga ou de abafar aquela explosão. O que ele queria, embora inconscientemente, era fazer da voz dela a sua própria voz. Dar vazão, junto com o desespero dela, ao seu próprio pavor, incapaz de se expandir.

Permaneceram abraçados alguns minutos. Um tempo relativamente curto, se marcado no relógio. Mas, na medida do sentimento, infinitamente longo, suficiente para serenar os espíritos.

- Vamos ficar calmos – disse o rapaz, ainda segurando as mãos da garota, e continuou: - Agora estou me lembrando: no manual de orientação ao visitante, eu li que, caso a pessoa se perca no parque, ela deve ficar parada, esperando o auxílio dos guias.

- Será que eles vão encontrar a gente aqui?

- Claro que vão!

- Tomara que seja logo – desejou Fátima, olhando para o chão à procura de um lugar para sentar. E, quando encontrou, disse: - Vou limpar em volta dessa árvore, pra gente se recostar um pouco. Estou tão cansada!

- Eu te ajudo.

Com os pés, eles varreram as folhas secas. O canivete de Márcio foi muito útil. Apesar de pequeno, serviu para cortar vários ramos, abrindo espaço para eles descansarem.

- Acho que nós estamos estragando a mata! – opinou o garoto.

- Não seja bobo, você não arrancou nada. Só cortou uns galhos – argumentou a amiga.

De fato Fabrício via Fátima como uma amiga. E Fátima nem se lembrava mais da aposta que tinha feito com Carolina. O inusitado da circunstância afastava para longe qualquer instinto de sedução. Para ela, Fabrício estava ali como companheiro de infortúnio. Alguém a quem devia proteger e ao mesmo tempo pedir proteção.

Foi quase com alegria que a garota teve uma idéia e correu até a mochila, largada num canto:

- Você não vai acreditar, mas olhe o que eu tenho aqui! – disse, puxando da bolsa um enorme pano estampado, que se desdobrou no ar.

- O que é isso? – perguntou. – Uma toalha?

- É uma canga.

- Canga!?

- É, uma saída-de-banho!

- Ah!

-... Como o João Paulo tinha dito que a gente ia entrar na cachoeira, eu resolvi trazer.

- Sei... Que bom! – Fabrício parecia não entender aonde Fátima queria chegar. - ... Você vai poder se enrolar nela.

- Ora, não foi pra isso que eu peguei. Já que a gente vai ter de esperar, então que seja com algum conforto – esclareceu a garota, enquanto estendia o pano no chão limpo.

Deitados de costas, os dois puderam relaxar um pouco a tensão, distraídos que ficaram olhando os facho de luz que conseguiam atravessar o toldo de folhagens. Filtrados pelas imensas copas das árvores, os raios do sol penetravam no interior da floresta por pequenas brechas, criando um jogo de sombras.

- Olhe ali, como brilha! – notou Fátima.

- Lá está mais bonito, o reflexo forma até um pequeno arco-íris.

A garota acompanhou a indicação do rapaz.

Sem perceberem, os dois tinham se aproximado. Cabeça com cabeça, as mãos apontando para o alto, procurando seguir o mesmo foco de visão.

De repente, os olhos cansaram e os corpos se deixaram rolar. Frente a frente Fátima e Fabrício tinham agora as faces muito perto. Os lábios de um quase tocando a boca do outro. Hesitavam, enquanto os braços, por uns instantes esquecidos no ar, desciam lentamente para aconchegar com um abraço o longo beijo.

Uma sensação de afeto muito forte invadiu a garota e o rapaz. Sem raciocinarem, trocavam carícias e falavam baixinho, como quem troca segredos.

Tocado por uma vibração nunca sentida, Fabrício apertou com vigor o corpo de Fátima contra o seu.

- É sua primeira vez... não é? – adivinhou Fátima.

A resposta veio sem palavras. Bastava o rubor no rosto do garoto para se perceber o “sim” ali estampado.

- Mas não a sua – ele entendeu.

- Mas é como se fosse. Nunca senti tanto carinho. Nunca foi com tanto amor.

21. SINFONIA DE HORRORES

Anoiteceu. Longe estavam agora Fátima e Fabrício de se permitirem continuar esquecidos da vida, entregues àqueles momentos bonitos de amor.

O cenário que os envolvia nada tinha de belo ou de romântico. Quase coisa nenhuma enxergavam à frente.

Com a escuridão, vieram os barulhos desconhecidos da mata. Animais de hábitos noturnos acordavam para mais uma jornada, fazendo estalar um

ramo aqui, chacoalhar uma folhagem ali, ranger um galho de árvore mais adiante.

Grunhidos, guinchos, sussurros soando como acompanhamento de fundo para os gritos metálicos e estridentes dos macacos. Pios medonhos de corujas ecoando em diversas direções.

- Nós vamos ser devorados! – gritou a garota, apavorada!

E, se durante o dia, com o sol de dezembro, o interior da floresta se mantinha úmido, à noite essa umidade fazia lembrar os meses de inverno. Parecia penetrar pelos poros.

- Frio... Estou com frio! – reclamou o garoto. – Na minha mochila tinha uma blusa, mas eu larguei lá perto da cachoeira.

Fátima trazia um agasalho na pequena bagagem.

- Veste isso!

- E você?

- Eu me enrolo nesse pano – disse ela, puxando a canga do chão.

- Se a gente pudesse fazer um fogo – pensou Fabrício em voz alta. - ... Esfregar dois pauzinhos. Não era assim que os homens das cavernas faziam?

Enquanto ele falava, Fátima remexia outra vez na mochila e surpreendeu o companheiro, riscando um fósforo. O lume clareou por um segundo os olhos do rapaz.

- Como é que você tem isso na bolsa?

- É... é que eu andei fumando escondido – gaguejou ela. – Você jura que não conta pra ninguém?

- Se a gente escapar daqui vivos, eu juro. Mas, e agora, não fuma mais?

A garota fez um muxoxo que tanto poderia dizer sim como não. E, sem encontrar razão para decidir sobre o assunto naquele momento, emendou:

- O que importa? O importante é o fogo...

A palavra ficou engasgada. O corpo imóvel, paralisado, sentia algo voejar na altura da nuca, querendo se emaranhar entre os cabelos.

No escuro, Fabrício não podia ver o que ocorria. Porém, percebeu qualquer coisa estranha e, arrancando a caixa das mãos dela, acendeu um palito.

Ofuscado pela claridade, o morcego silencioso voou para longe, deixando Fátima ainda muda e arrepiada. Até que um grito de terror veio tirá-la do estado de letargia. E, chorando, ela disse:

- Vamos acender logo essa fogueira!

No entanto, não foi fácil. Com o orvalho molhando tudo, tornava-se quase impossível encontrar madeira seca. Tatear às cegas pelo solo foi a primeira idéia que passou pela cabeça dos dois. Mas desistiram depressa, com medo dos perigos que a mão podia encontrar.

Como se não bastasse isso, a caixa de fósforo estava pela metade, exigindo prudência no uso. E o vento apagava os palitos, tão logo eles eram riscados.

- Já sei! – disse Fabrício. – Vamos fazer uma tocha!

- De que jeito?

Embora incrédula, Fátima parecia pronta a aceitar qualquer possibilidade de solução, mesmo que remota. Por isso, nem refletiu quando o garoto pediu um pedaço da canga. Prontamente, ela levou uma ponta do pano até os dentes e rasgou uma tira da saída-de-banho.

Enrolado num toco, o tecido incendiou, levantando chamas.

- Isso vai arder num minuto. Se a gente andar rápido, dá tempo de juntar alguns gravetos – alertou o rapaz.

Gravetos, folhas secas, troncos já podres e cheios de fungos, tudo isso tinha por perto, para alimentar um fogo que não queria pegar. O material úmido chamuscava, erguendo uma fraca fumaça.

- Acho que isso dá para afugentar os insetos, pelo menos – comentou o garoto, desconsolado.

- Tomara! – torceu a menina, já quase sem fôlego de tanto assoprar o projeto de fogueira.

Trabalho em vão. Apenas algumas folhas brilhavam em brasa, apagando-se em seguida.

- Desisto! – ela desanimou, indo sentar-se perto do rapaz.

Esquecida por alguns momentos, a barulheira ao redor parecia voltar agora com maior intensidade. Era como se o avanço das horas tivesse o poder de atirar os animais, aumentando a atividade na floresta.

- Escute só, que ronco! – sugeriu Fabrício. - ... Dá a impressão de um trem passando.

Fátima apurou os ouvidos. A cada tempo, um determinado ruído se destacava dos demais.

- E essa flauta, ta ouvindo? – ela observou. – O que será, hein?

- O que é eu não sei. Mas é um sopro bonito, repara como é ritmado.

Quietos, em silêncio, eles deixaram que a audição tomasse conta dos sentidos. E assim permaneceram, até que o rapaz tornou a falar:

- É incrível como os sons se combinam. Parece uma sinfonia!

- Ah! Só se for uma sinfonia de horrores – ironizou Fátima, E, depois, entendendo que Fabrício falava sério, completou: - Eu havia me esquecido de que você estuda música.

- Pois é, de repente eu comecei a imaginar cada animal como um instrumento. Aí, juntei todos na mesma orquestra. A harmonia é fantástica, um verdadeiro concerto- dizia ele, entusiasmado.

A sensibilidade musical da garota podia ser menos apurada, mas ela não ficou indiferente, naqueles breves instantes de meditação.

Pensava nos infinitos tipos de vida que habitam a mata, na perfeita cadeia alimentar, estabelecida pela Natureza, que garante a sobrevivência de cada espécie e o equilíbrio dos ecossistemas. Coisas que tinha aprendido em Biologia, com o professor de Ciências, e que João Paulo havia reforçado durante o passeio.

-Você já pensou no pega-pega que está acontecendo em nossa volta? – comentou Fátima.

- É um salve-se quem puder! – concordou Fabrício.

A conversa ia ficando interessante. Trocando idéias, eles esqueciam que estavam perdidos. E nem pensariam nos perigos e no medo se algo mais forte não viesse incomodar.

- Estou com fome – disse Fabrício, de súbito. – Será que não sobrou nada nessa bolsa maravilhosa?

- Deixe eu ver!

Fátima encontrou uma maçã, meio pacote de bolacha, um sanduíche de queijo já mordido, uma caixinha de suco de caju e uma barra de chocolate.

- Mas isso é um jantar! – brincou o garoto. – Essa sua mochila é nossa salvação.

Conforme eles comiam, iam jogando as embalagens dos produtos na pretensa fogueira. Com o calor, muitas folhas velhas haviam secado e também alguns gravetos. O reforço de papel ajudou e logo surgiram algumas labaredas.

- Oba! – gritou Fátima. – Agora estamos mais protegidos.

- Vamos deixar perto dos outros troncos para irem secando. Assim, a gente tem fogo a noite inteira.

A noite foi passando, sem que nenhum dos dois pensasse em dormir. Só quando o céu passou do azul-escuro para um azul mais real, avisando a proximidade da manhã, foi que eles pegaram no sono, agarradinhos.

22. VIA SATÉLITE, PARA TODO O BRASIL

Deixar Apiaí, largando Fátima e Fabrício perdidos na mata, era fato que a diretora custava a aceitar. Tinha a falsa sensação de que sua presença ali conseguiria evitar o pior.

Ilusão ou talvez um desejo inconsciente de fugir dos confrontos que, uma vez em São Paulo, certamente haveria de enfrentar.

A Polícia Militar foi avisada sobre o desaparecimento dos estudantes e uma equipe de salvamento do COE – Comando de Operações Especiais – entrou em ação, despertando o interesse da imprensa.

Com a queixa registrada pelos pais dos alunos, a delegacia do bairro era mais uma fonte de informações para os jornalistas.

Logo a história chamou a atenção da cidade. E a diretora era atacada publicamente.

Maria Célia ficou conhecida no Brasil inteiro, via satélite, ao aparecer na televisão com os olhos cheios de lágrimas, acusando Lúcia de irresponsável, negligente e até imoral.

- Pobre mãe! – comentou Elizabete com Otávio, vendo o casal de amigos na tela. – E pensar que poderia ser a nossa filha!

Interpelada pela mesma emissora, Lúcia se recusou a falar, complicando a sua defesa, na opinião do grande público.

Carolina se revoltava com todos aqueles insultos. Por mais que doesse o sumiço dos colegas, sabia que a diretora não tinha culpa nenhuma.

Prejudicada estava também a imagem do Muyraquitã Turismo Ecológico, taxada como uma empresa irresponsável, dirigida por um moleque aventureiro.

Ainda no Parque do Alto da Ribeira, participando das buscas, João Paulo também foi entrevistado, mas não disse mais do que meia dúzia de palavras. Transfigurado, ele aparentava, ao vivo e em cores, o cansaço de duas noites inteiras sem dormir.

A reportagem explicava o trabalho do COE, com seu pessoal muito bem treinado para situações daquele tipo. Comandados pelo tenente Mateus, vários homens se embrenharam na mata, carregando equipamentos especiais.

Do alto de um dos helicópteros da polícia, a câmara mostrava a vastidão do lugar, ilustrando a fala do locutor:

- E ali embaixo, em algum ponto dessa imensidão, estão Fabrício e Fátima. O senhor acha que tem condições de encontrá-los, tenente Mateus? – perguntou o repórter, ainda no ar.

- É uma operação muito difícil! – explicava o tenente. – A área é grande. Já cobrimos a maior parte dela e só achamos a mochila do garoto até agora. Se eles tivessem ficado parados, talvez fosse mais fácil. Mas a impressão que se tem é que devem ter andado muito e se afastado das delimitações do Parque. Além do mais, a região possui mais de duzentas cavernas. Muitas ainda inexploradas. É provável que, na ânsia de se protegerem, tenham entrado em alguma delas. Em tais circunstâncias, seria quase impossível localizá-los.

E com essa fala se encerrava o espaço daquela notícia no jornal da tarde. Mas as buscas continuaram o resto do dia. E mais uma noite chegou sem que os dois aparecessem.

Vestígios de fogueira e restos de animal morto eram alguns dos sinais a serem rastreados. Mas só sinais.

23. NUNCA PENSEI QUE FOSSE FAZER ISSO UM DIA!

Despertar com o canto do araçari, sentindo do rosto a brisa fresca da manhã e o farfalhar suave das árvores embalando nos ouvidos é uma imagem poética para qualquer casal de namorados.

Mas não para Fátima e Fabrício., que naquelas circunstâncias acordavam para um pesadelo.

- Vamos continuar ou ficar esperando aqui? – questionou o rapaz, andando de um lado para o outro.

- Estou com fome! – replicou a garota.

Eles não tinham nada para comer e se aventuraram, abrindo caminho corpo a corpo com a mata, entre tropeços e arranhões.

Tudo em volta parecia hostil e perigoso. Até mesmo uma fruta silvestre representava sério desafio.

- E se for venenoso? – advertiu Fátima, quando Fabrício pegou um certo tipo de morango.

- É um risco! – respondeu o garoto, levando o fruto à boca, sem pensar muito.

Não havia escolha. O jeito era imitar o companheiro e retomar a marcha, recolhendo os poucos “morangos” que encontravam.

Foram horas e horas nessa toada, em que tanto fazia a direção. Onde a ramagem fosse menos densa, o terreno não tivesse obstáculos, por ali eles passavam, assustando os animais.

Com a luz do dia, tangarás, cotias, lagartos, inúmeras outras aves e espécies espreitavam temerosas os intrusos visitantes.

- Estou com sede! – alertou a menina, interrompendo novamente a caminhada. – Sempre ouvi falar que a Mata Atlântica é cheia de fontes e nascentes, mas a gente não passou por nenhum até agora.

- Deve ser porque estamos no alto. A água costuma brotar no fundo dos vales. Temos de descer! – sugeriu ele.

- E voltar tudo outra vez!? Me recuso! – protestou Fátima.

- Pra frente só tem subida. E algo me diz que as trilhas estão para baixo!

- Nós já andamos por lá!... Voltar eu não volto, nem que eu tenha de morrer de sede! – teimou ela, entrando num estado de aflição.

Era o esgotamento físico levando ao desespero. A fraqueza, trazendo o desequilíbrio. Por sorte, o garoto ainda conseguia raciocinar:

- Venha aqui! – retomou Fabrício, conseguindo sentar.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, temendo ouvir o que não queria.

- Olhe lá a claridade do sol, por onde vem! Falta pouco para escurecer. Você não acha melhor poupar energia? Por que a gente não aproveita para juntar madeira, enquanto é tempo? Pelo jeito, vamos ter de passar mais uma noite na mata.

Só de pensar nessa possibilidade, a garota se arrepiava. Teve o ímpeto de levantar, refutando violentamente os argumentos do companheiro:

- Você já está entregando os pontos. Eu é que não fico aqui, nem mais um minuto! – afirmou, disposta a continuar sozinha.

A julgar pelo impulso, a garota teria ido longe. Entretanto, não passou dos cinquenta metros, refreada pela presença de uma cobra coral, no meio da selva. Cabeça erguida, corpo enrolado, a serpente preparava o bote.

- Socorro!

Tão rápido quanto o grito, Fátima estava de volta, chorando nos braços do namorado, ainda no mesmo lugar.

- Acho que você tem razão!

Prioridade agora era garantir a sobrevivência. Antes mesmo de procurar uma saída, arriscando a encontrar a morte.

Meio sem prática e tendo como instrumento apenas o canivete, Fabrício era lento no trabalho de limpar uma pequena área. Mas, como a inexperiência nem sempre atrapalha, ele acabou encontrando água ao cortar um cipó por acaso.

- Pronto! – ele exultou. – Com nascente ou sem nascente, de sede a gente não morre. Tem cipó por tudo o que é lado.

A raiz parecia um reservatório. E nem passou pela cabeça dos dois desconfiar da pureza daquela água. Funcionou como um remédio para o desgaste psicológico de Fátima, quase sem forças depois de se espantar com a cobra.

Anoitecia. Na fogueira, as primeiras chamas cintilavam tênues, como o brilho ainda opaco das estrelas. De mansinho, o céu escureceu, acendendo as constelações. No alto, entre as copas das árvores, o Cruzeiro apontava para o Sul, enquanto as labaredas se erguiam no chão, acalmando as aflições.

- Sobrou algum morango? – perguntou Fabrício, chegando pertinho de Fátima.

- Três.

- Então são dois pra você!

- Nada disso, vamos dividir – protestou a garota.

O resto foi silêncio. Nem o matraquear histérico da queixada, o pio irônico do mocho-orelhudo ou a flauta triste do macuco conseguiram atrapalhar o sono dos namorados.

Até que o ciciar delicado de garranchos sendo revirados na terra, bem próximo de onde os garotos dormiam, acordou Fabrício nas primeiras horas do amanhecer. Ele nem sequer ergueu a cabeça, para ver um bando de jacutingas ciscando o terreno.

Embora não soubesse que assim se chamavam, logo farejou comida naquele bando de aves, aparentadas com os perus.

Fátima suspeitou ter ouvido o ruído de um helicóptero, em algum lugar distante, entre o sonho e a realidade.

- Será possível!? – perguntou-se, duvidando da própria percepção.

- Chiii! – fez o rapaz, já na espreita. E, num salto certo, bem ao estilo dos gatos, capturou uma jacutinga. – Hoje nós não passamos fome! – disse, sorridente, enquanto o bicho picava sua mãe e o restante do grupo fugia piando.

Surpresa, a garota sorriu, correndo ajudar o rapaz.

- Nunca pensei que fosse fazer isso um dia! – comentou Fabrício.

- Ainda bem que eram muitas. Não deve ser nenhum animal em extinção! – ponderou a garota.

- O que a gente pode fazer? Esse é o único jeito de continuarmos vivos! – argumentou Fabrício, com uma ponta de culpa espetando o coração e o canivete em punho, pronto para cortar o pescoço da ave.

O sangue jorrou longe, respingando no rosto e nas roupas dos dois. Pouco importava, estavam aliviados, depenando, limpando e assando na brasa aquela carne macia.

- Pena não ter um salzinho! – disse ela, rindo.

Mastigando um belo naco, ele engasgou. Não só por causa do riso.

- Hum!... hum... hum... um helicóptero!?

- Então eu não estava sonhando! – exultou Fátima, confirmando sua suspeita. – Vamos correr, vamos gritar!

- Calma aí, gata! Tá longe o barulho, ainda. Dá tempo de comer!

- Mas aqui eles não vão encontrar a gente. Essas árvores parecem um teto. Temos de correr para uma clareira.

Antes de partir à procura de uma abertura na mata, eles jogaram terra sobre o braseiro, com medo de um incêndio, esquecendo-se de que a fumaça poderia ser vista com facilidade no ar.

Ir para cima ou para baixo deixou de ser discussão. Os dois concordavam que tinham de subir. Custasse o que custasse, agarrando onde desse, cravando as unhas no chão, se fosse preciso, para seguir o ronco do aparelho voador.

Numa dessas tentativas, a garota machucou a mão.

- Ai, o que é isso? – gritou Fátima, assustada.

Eram as castanhas do caxinguelê. Um punhado delas, sob um monte de folhas mortas, escondidas pelo animal para a hora da refeição. Mas, como Fátima não conhecia os hábitos desses bichinhos, deu graças aos céus por mais esse alimento.

O céu, entretanto, nada era para eles, além de pequenos pontos azuis, aqui ou ali, conforme a densidade da vegetação.

A clareira tão aguardada teimava em não aparecer. E o som, vindo do alto, diminuía junto com as esperanças dos jovens.

24. A FLECHA DO CUPIDO

No Anita Malfatti, as opiniões se dividiam. A maioria dos alunos da oitava série, embora penalizada com o desaparecimento dos colegas, achava que não era justo interromper as comemorações da formatura.

- Afinal, nós já pagamos o salão, o conjunto está contratado... – dizia Juliano.

- E, com ou sem baile, vamos ter de pagar os músicos do mesmo jeito! – protestou Rodrigo.

- Meu vestido está até pronto! – foi o argumento de Cíntia.

Vanessa, inconformada, era quem mais inflamava o pessoal:

- O que eu acho é que nossos pais merecem essa festa, depois de tanto empenho que tiveram com a nossa formatura... – opinava ela.

- É isso mesmo – apoiou Márcio. – Ninguém tem culpa que aqueles dois foram namorar no mato.

Rogério se exaltou. Ver um companheiro de turma, um “Huno”, do lado oposto ao seu era uma novidade à qual ele não estava acostumado:

- Ora seu, seu filho da...

E o xingamento ficou incompleto, a mão cerrada se ergueu para desfechar um soco na cara do colega.

Gilberto ameaçou entrar na briga em defesa de Márcio, caído no meio da quadra.

- Pare com isso! – gritou Carolina, colocando-se na frente do rapaz, enquanto Marco Antônio e Tiago seguravam Rogério.

Entre o líder e os outros membros da gangue, Leandro hesitava em tomar partido. Vivia uma situação parecida com a de Valéria, que, embora também a achasse que o baile devia esperar, não conseguia fazer frente às pressões da sua amiga Vanessa.

- Sabem o que eu penso? – continuou Carolina, aproveitando uma pausa em toda aquela confusão. – Todo mundo aqui devia estar unido, fazendo pensamento positivo para nossos amigos aparecerem. Em vez disso, vocês ficam aí, só se preocupando com vocês mesmos. Mas quem é que vai conseguir dançar feliz, se a Fátima e o Fabrício morrerem?

Ao cogitar essa hipótese, lágrimas quase correram dos olhos dela. A voz, soando trêmula, teve o poder de sensibilizar mais alguns formandos:

- A Carol tem razão! – bradou Ana Maria. – Nós estamos sendo muito egoístas.

- E esquecendo a coitada da Lúcia – emendou Érica. – Ela e o Argemiro nos deram a maior força e agora estão sendo acusados, inocentemente.

- Tenho uma idéia! – disse Leandro, saindo da indecisão. – Por que a gente não faz um movimento de apoio para os dois?

Era uma tentativa de limpar a imagem da diretora e do professor, tão atacados pela imprensa, e, além disso, respondendo na delegacia à queixa dos pais de Fátima e de Fabrício. Para complicar ainda mais a situação, muitos alunos estavam sendo chamados para depor. E, influenciados pelos mais velhos, nem sempre seus depoimentos eram favoráveis à conduta dos mestres.

- Foi você, né, Juliano, que falou mal da Lúcia pro delegado, não foi? – indagou Ricardo, já quase provocando outra briga.

- Não vamos começar tudo de novo! – advertiu Carolina, agora falando com firmeza. – Cada um é dono da sua consciência e eu já percebi que ninguém faz a cabeça de ninguém!

Falava assim por experiência própria. E, depois, olhando diretamente para Leandro, completou:

- Eu topo a sua idéia. Se alguém mais quiser ficar do nosso lado, melhor. Ou, então, que vão cuidar do baile dele e que se divirtam.

Do lado de Carolina, ficaram Marco Antônio, Érica, Tiago, Ricardo, Ana Maria, Valéria, que mandou Vanessa para o inferno, e Rogério, cada vez mais atraído pela personalidade e beleza da Carolina.

Com a cisão estabelecida, os amigos da diretora estudavam uma forma de pôr em prática a sugestão de Leandro.

Ir à televisão, aos jornais, dar plantão na porta da delegacia, conversar com Maria Célia e Néelson, os pais de Fátima, e com os de Fabrício, Marisa e Eduardo, contando os detalhes do passeio, pedindo compreensão para Lúcia e Argemiro. Tudo isso passou pelo pensamento deles.

- Nós estamos nos esquecendo do João Paulo! Ele é um cara legal, não merece ficar prejudicado – lembrou Marco Antônio.

- Que tal se a gente fizesse uma faixas com uns dizeres de solidariedade, para pendurar pelo bairro? – propôs Rogério.

- Ótimo! – concordou Carolina.

Por alguns segundos, os dois se encararam de uma maneira completamente nova. Gratidão, amizade e algo mais brilhavam em seus olhares.

- Precisamos comprar pano! – falou Érica, trazendo a atenção do casal de volta para a reunião.

- Só pano! – esclareceu Rogério. - ... Tinta e pincéis eu tenho lá em casa...

Ficou combinado que no dia seguinte todos se encontrariam cedo na casa do rapaz.

E foi o que acontece. Vilma preparava o café da manhã para Cardoso, quando Rogério se levantou.

- O que é isso, meu filho, em plenas férias acordando tão cedo? – estranhou a mãe.

Dando os últimos retoques na gravata, o pai entrou na cozinha a tempo de ouvir a resposta do garoto, e perguntou:

- Vocês acham mesmo que devem ajudar essa diretora?

Mas o soar da campainha livrou Rogério de qualquer comentário. Ele correu até a porta e voltou com Carolina.

- Oi, Carol! – cumprimentou Vilma, de forma simpática. – Toma café com a gente?

- Já tomei, obrigada!

- Vocês caíram da cama, hein!

Cardoso não conseguiu retomar a conversa interrompida, porque o filho só dava atenção para a garota.

- O pessoal já deve estar chegando! – dizia ele. – Vamos para a garagem, lá é melhor para trabalhar.

Na garagem, Rogério foi logo abrindo o armário de ferramentas e pegando uma caixa retangular, fina e comprida, que parecia especialmente feita para conter latas de tinta e alguns sprays. Em um dos cantos, tinha o compartimento dos rolos e pincéis. Uma espécie de alça permitia que a caixa fosse carregada com facilidade, sem derramar nada.

Carolina reconheceu o material do pichador e olhava de um jeito que deixava entrever seus pensamentos. Rogério adivinhou:

- Aquela pichação!?... Eu não sabia como chagar em você, sempre me agredindo. Quis me vingar, acho que foi isso!

- Se você soubesse quantas noites eu fiquei de castigo por causa daquela frase na parede!...

- Me desculpe! Eu não vou mais pichar as ruas... Até a gangue dos Hunos já se desmanchou. Você viu a briga na escola... Me desculpe! – repetia ele, arrependido, num esforço sincero para mostrar à Carolina o quanto estava mudado.

Meio sem palavras, procurava explicar o seu amor por ela como a principal causa da transformação. A caminhada na mata também o havia influenciado. Parecia que a força da Natureza tivera o poder de alterar todos os poderes da sua mente, reordenando-os de forma mais equilibrada, menos revoltada.

- Foi deitado à beira do ri que comecei a ver a vida de outra maneira... – continuava o garoto.

Apesar do vocabulário escasso de Rogério, a garota podia compreender. Ela havia experimentado algo muito parecido na caverna. Nem foi diversa a sensação que teve sentada sob a árvore, quando visualizou *O Eremita*. Era

uma espécie de aviso, anunciando que ela estava transformada, livre da energia ambígua que *O Diabo* despertava.

Agora, talvez *O Enamorado* viesse, com sua flecha de Cupido, atravessar o inconsciente daqueles jovens, vibrando no ar uma onda forte de amor, que crescia envolvendo a aura dos dois.

Carolina nunca pensou que fosse tão fácil perdoar.

25. SUJEITO A CHUVAS E TROVOADAS

O helicóptero tão esperado parecia mesmo não querer sair do terreno dos sonhos para aterrissar na realidade. Fátima e Fabrício ouviam o ronco a distância, abafado, indo de lá para cá, sem no entanto vir na direção em que se encontravam.

Cansados, suados, sujos, quase não tinham mais energia para continuar naquela corrida desenfreada à procura de uma clareira.

E não demorou para que as forças fossem embora de uma vez. Deixando a mão machucada escapar de uma hera, Fátima escorregou metros e metros abaixo, indo parar de encontro ao tronco de um manacá.

- Fátima! – gritou Fabrício, soltando-se e deslizando na trilha aberta pelo tombo da garota.

Manchas quentes e úmidas de sangue humano se misturavam nas roupas dela ao sangue da jacutinga.

- Você está machucada!?

Um gemido débil, traduzido em dor, veio aumentar o pânico do rapaz. Num ato instintivo, arrancou a camiseta e começou a limpar as feridas no corpo da namorada.

Totalmente entregue aos cuidados de Fabrício, sentindo o calor daquela presença amiga, Fátima percebia estar viva, apesar dos ferimentos.

Abraçados, eles ficaram algum tempo inertes, as cabeças rente ao solo. Um único arfar movia o peito dos dois, ao ritmo acelerado das batidas dos corações.

Quando os ânimos serenaram, os machucados estancaram, ainda com os ouvidos próximos ao chão, o rapaz ouviu eco de água jorrando.

- Tem uma cachoeira por aqui! – disse ele, animado.

- Tem sim! – confirmou ela, ligada no mesmo som.

- Vamos até lá! Você consegue?

As dores nas pernas não impediram que Fátima, apoiada no namorado, chegasse até a estreita nascente do riacho.

A imagem da corredeira teve o efeito de uma miragem no deserto. Um choque de água gelada era tudo o que eles precisavam para lavar tanta lama grudada nos cabelos, tanta angústia pegada na alma.

A tarde vinha caindo, secando as roupas ao sol. Mais uma noite se avizinhava na mata. Outra vez a necessidade do fogo, novamente o medo da escuridão. Os jovens pareciam ir se acostumando àquele ritual.

Procurando madeira seca, Fabrício afastou-se um pouco da fonte e descobriu a abertura de uma gruta.

- Vamos dormir aqui! Acho que é mais seguro – disse, decidido.

Ter encontrado a queda-d'água representava uma boa perspectiva também para o dia seguinte.

- Amanhã seguiremos o curso do rio! Ele nos mostrará uma saída – continuou o rapaz, aliviado.

A fogueira tinha virado cinzas, no interior de caverna, quando eles acordaram de manhã, cheios de picadas de insetos. Fátima, ardendo em febre, murmurava coisas sem nexos. Meio sonado, o rapaz pensou que tivesse tendo um pesadelo. Porém, a pele queimando, o suor frio escorrendo pelo pescoço, não escondiam os sinais da moléstia, que aflorava nos lábios em delírio.

Do lado de fora o mundo parecia desabar em tempestade de verão. Raios luminosos faiscavam no céu enegrecido de nuvens, e clarões e estrondos chegavam até eles pela pequena cavidade aberta nas pedras.

Fabrício imaginou a morte chegando. E se a namorada não resistisse, ele tampouco estaria disposto a viver. As cenas da separação dos pais, como um fardo, pesando na memória, reforçavam o sentimento de abandono.

Estava resolvido, se Fátima partisse, ele pularia rio abaixo, deixando a força da correnteza carregar o corpo gélido. Ou simplesmente se deixaria ficar passivo, indiferente à fome até que os bichos o devorassem.

Em São Paulo não chovia e, na casa de Rogério, os dissidentes do baile de formatura trabalhavam com esmero na elaboração das faixas de solidariedade. Todos na expectativa da repercussão que poderiam alcançar. Com vários carros de reportagem rondando o bairro, logo a imprensa ficaria

sabendo que nem todos no Anita Malfatti eram contra Lúcia, Argemiro e João Paulo.

Carolina também estava empolgada, mas, de súbito, ES entristeceu. A expressão no rosto da garota era tão marcante que Rogério pôde perceber a mudança de cima do muro da escola, enquanto amarrava uma das faixas:

- Que foi? – perguntou ele.

Protegendo os olhos do sol com a palma da mão, ao olhar para o alto, ela desabafou suas intuições:

- Esse nosso movimento é legal! Só que não vai ajudar a encontrar os nossos amigos. Já faz três dias que eles sumiram e, de repente, eu senti uma dor aqui dentro... – Ela levou a mão ao peito.

Rogério desceu com uma vontade enorme de abraçá-la. Érica, Marco Antônio e os outros também rodearam Carolina, que continuava a falar:

- Parece até que estou vendo a Fátima aqui por perto. Mas ela não está bem, está pedindo socorro, sofrendo demais...

- Será que ela morreu? – Ricardo pensou em voz alta, imaginando o espírito da outra rondando pelo colégio.

A comoção foi geral. Marco Antônio também lembrou algumas qualidades do seu amigo Fabrício. O jeito fechado dele, a paixão por História e pela música.

-... Acho que ele seria um bom compositor! – comentava o garoto.

Aquele verbo, dito no passado, ficou ecoando alguns segundos no ar. Doeu mais ainda em cada um.

- Fátima se apaixonou por ele! – completou Carolina, engasgada, não oferecendo resistência ao abraço forte de Rogério.

A partir daquele dia, a garota caiu num estado depressivo, que se aprofundava cada vez mais. Sem vontade de comer, passava a maior parte do tempo em casa, trancada. Nada e ninguém conseguia arrancá-la de lá.

Nem Rogério, tão doce e terno quanto pode ser um adolescente enamorado, sussurrando palavras de afeto ao telefone, foi capaz de abrir caminho naquela mente cheia de amargura.

Ela desligou o aparelho, que volta e meia insistia em tocar. Ora algum amigo preocupado, ora alguém insensível como Vanessa, só para provocar:

- Por que você não pergunta para o Tarô se eles estão vivos ou não? – tripudiava a colega.

Carolina desistiu de atender aos chamados e se fechou mais ainda. Só saía do quarto na hora do noticiário na tevê, à espera de alguma notícia de Fátima e Fabrício. Ansiava uma esperança, um rastro, uma pista qualquer que acabasse de vez com tanta incerteza. Mesmo que fosse a nota de falecimento.

No telejornal daquela noite ela viu as faixas de solidariedade bem focalizadas. Marco Antônio defendia no vídeo a diretora, o professor, a Muyraquitã Turismo. O delegado esclarecia que nada se podia fazer contra os educadores, uma vez que os pais haviam dado autorização de viagem para os filhos.

Nas cenas gravadas à tarde, o tenente Mateus explicava o trabalho do Comando de Operações Especiais, da Polícia Militar, ponderando as dificuldades da região, agravadas pelo tempo, sujeito a chuvas e trovoadas.

O tenente lembrava que já ia pelo sexto dia o desaparecimento do casal. E se as condições meteorológicas não melhorassem, os trabalhos de busca seriam interrompidos.

Dessa vez, as lágrimas que rolaram para todo o Brasil ver foram as de Lúcia, sofrendo que nem mãe.

Carolina entrou e bateu a porta do quarto. A dor que a fez atirar-se na cama era a mesma que mantinha seus olhos secos, vidrados, fixos num jogo de cartas, aposentado entre os livros sobre a estante. A mão ensaiou um gesto para alcançá-lo. Mas o medo congelou o movimento, enquanto, na memória, a voz impertinente de Vanessa continuava repetindo:

“Por que você não pergunta para o Tarô?”

Carolina pulou da cama, correu ao telefone, discou um número e, sob os olhares curiosos dos pais, iniciou uma conversa:

- A Lúcia está, por favor?

26. O QUE SERÁ QUE ACONTECE AGORA COM ELES?

Se durante muito tempo Carolina evitou pegar o Tarô, a tentação agora era irresistível. Com a diretora, então, concordando em participar do jogo, a garota achou motivos suficientes para deixar os temores de lado.

Desse no que desse, fosse qual fosse o prognóstico, a essas alturas não poderia representar martírio maior.

- Então vou já para aí! – disse Lúcia, desligando o telefone.

A garota voltou para o quarto, para organizar o baralho. O antigo ritual, já quase esquecido: arcanos maiores de um lado, menores do outro; colocar em ordem numérica e depois embaralhar cada monte de novo, com o pensamento concentrado na pergunta que se queria fazer.

Mas essa última parte só foi feita depois que Lúcia chegou, recebida com amabilidade por Otávio e Elizabete, que ficaram comovidos ao vê-la chorando na televisão.

Carolina, ansiosa, foi logo levando a diretora para o quarto.

- Está preparada? – perguntou Lúcia, sentando-se pouco confortável na ponta da cama da garota.

- Estou! Vamos pensar juntas. Visualize Fátima e Fabrício no meio da floresta.

De olho fechado, a garota apanhou o maço de Trunfos e, sem hesitar, com muita agilidade nas mãos, puxou três cartas seguidas, colocando-as fechadas sobre a colcha e dizendo:

- Passado... presente... futuro.

Se dependesse das mensagens ali reveladas, não seriam necessárias mais lâminas. O significado amplo, metafísico, do arcano maior revelaria a essência de cada momento.

Elas abriram os olhos. A diretora estalava os dedos. E a mão de Carolina já não estava tão ágil. Tremeu ao virar a primeira carta: 16, *A Torre*.

O que se via na estampa eram duas pessoas sendo lançadas com violência de uma torre, atingida por um raio.

- Queda, calamidade... – Carolina iniciava a interpretação, recordando seus estudos.

Porém, não se atrevia a dispensar a ajuda do livro, com toda a sua abrangência. A gravidade da circunstância exigia rastrear, cuidadosamente, cada frase, cada palavra, que viesse somar à compreensão. A garota lia:

- *A Torre* representa grandes perigos do destino, podendo levar à morte por catástrofe...

Um arrepio silencioso percorreu o corpo das duas. O texto continuava:

“... Infortúnios ocorrem quando a mente e o coração de uma pessoa estão frios e escuros, cerrados à possibilidade de uma intervenção milagrosa.

Nesse caso, os deuses devem achar um modo de entrar, mesmo à força, se necessário. Assim explica-se o relâmpago, símbolo da energia divina, que destrói para libertar a alma...”

Carolina interrompeu intrigada:

- Estranho! Fabrício realmente é muito na dele, esquisitão...

- Sombrio, você quer dizer!

- Isso! Mas Fátima tão alegre, rindo...

- Por fora – intuiu Lúcia. – Eu bem que devia ter percebido. Aquela forma exagerada de se dar com os rapazes, aquela expansividade afetada... – Ela suspirou. – No fundo, sua amiga Fátima era... queira Deus, é, uma menina muito carente, procurando carinho, amor.

Que Fabrício e Fátima estavam passando por maus momentos era mais do que claro. Cogitar, nos níveis psíquicos e espiritual, uma razão para os acontecimentos servia para conhecer melhor a personalidade dos dois. Mas a posição do arcano indicava bem: era passado.

- O que será que acontece com eles agora? – perguntou Carolina.

Suspendendo a respiração, ela virou a próxima lâmina.

Apareceu um anjo de cabelos azuis, com uma flor encarnada na testa, derramando o líquido de uma vaso também azul em um outro vermelho.



No capítulo *A Temperança*, Trunfo 14, estava escrito:

“Os anjos são vistos como mensageiros alados do céu, por vezes pressagiam um acontecimento milagroso ou proclamam, com toques de trombeta, o renascimento. O anjo faz o indivíduo compreender que emergiu da confrontação com a morte, como alguém nascido duas vezes, que sente a própria percepção desabrochando para uma vida nova...”

- Eles estão vivos! – a garota parou de ler, arrepiada de esperança.

- Todo esse tempo na mata! Alimentando-se de quê, minha Nossa Senhora?... O tenente Mateus não pode parar com as buscas.

- Vamos ligar para o COE. Vamos dizer para eles procurarem melhor... – Carolina falava com sofreguidão.

- Calma! Você acha que eles iriam acreditar nas cartas de Tarô?

- É mesmo! – concordou a garota, admitindo que até os pais dela tinham tantos preconceitos.

- Falta abrir uma carta! – retomou a diretora.

- E saber se eles serão encontrados a tempo! – completou Carolina.

Em nenhum momento eles chagaram a duvidar da proteção do anjo da guarda, que dá equilíbrio às pessoas. Acreditavam que, por pior que estivesse sendo a jornada na floresta, o comportamento comedido dos jovens ajudava-os a preservar a vida.

E foi com essa certeza que descobriram o último Trunfo.

Desvendamento, desembaraço, luz do sol, em toda a glória, a derramar bênçãos sobre duas crianças brincando amorosamente, dentro de um muro.



“O Sol, do arcano número 19”, dizia o livro, “anuncia um novo período de iluminação e nutrição, quando a vida já não é um desafio que precisa ser vencido, mas uma experiência a ser desfrutada...”

27. UMA CORTINA DE FUMAÇA

Apesar de tomado pela idéia da morte, Fabrício ainda não parecia disposto a caminhar deliberadamente para o fim. Pelo menos enquanto Fátima respirasse, haveria de lutar.

Enrolando uma folha de lírio em forma de copo improvisado, forçou a garota a beber alguns goles de água. Com a camiseta umedecida nas

vertentes internas das cavernas, enxugou todo o suor daquela pele febril. Usou a canga como manta para envolver o corpo sem forças, no chão.

Alguns tocos não queimados na noite anterior, mais a quantidade de folhas que o vento, antes da chuva, soprara abertura adentro, sustentavam tímidas labaredas, trazendo um pouco de calor ao ambiente.

Seis castanhas e dez palitos de fósforo eram as últimas provisões. E Fabrício enfrentou a tempestade, pensando num único jeito de manter o fogo aceso: trazer bastante lenha para secar lá dentro, junto à quentura das chamas.

Castanhas assadas na brasa e amassadas serviram de alimento para Fátima, que conseguia erguer a cabeça para engolir. Vez ou outra recobrava a consciência e agradecia os esforços do namorado.

Sempre que as nuvens se abriam, dando uma pausa no aguaceiro, o rapaz saía para procurar mais comida. A necessidade, apertando, parecia torná-lo mais esperto. Logo, descobriu os coquinhos de tucum; colheu e assou os frutos dos caraguatás. Subindo nas árvores, achou ovos de jacuguaçu. Finalmente havia parado de chover, e as aves estavam de volta. Fabrício saiu em busca de alguma presa fácil que pudesse servir de alimento para eles, apesar de sentir uma certa culpa por estar ferindo a Natureza. Mas, entre o bicho e a própria vida e a da namorada, ele obedecia o coração.

Assim, o garoto ia cuidando de Fátima com muito carinho.

O dia amanheceu dourado de sol. Fabrício tratava de manter o fogo quando, inadvertidamente, atirou sobre as labaredas um punhado de capim verde. Em poucos segundos, uma cortina de fumaça se ergueu, procurando saída pela abertura da caverna.

Mesmo com as dificuldades que a garota sentia para andar, os dois, quase sufocados, tiveram de deixar o abrigo.

Do lado de fora, no entanto, mais audível do que das vezes anteriores, estava no ar o ronco do helicóptero, que havia seguido o sinal de fumaça.

Quase sem voz, o garoto exultou:

- Estamos salvos!

Pairando sobre a estreita clareira do riacho, eles viram o aparelho voador, com suas enormes hélices quase cortando a copa de algumas árvores. Em meio à ventania, uma escada flexível foi lançada, por onde desceu o tenente Mateus.

28. VOCÊ LÊ O TARÔ PRA MIM?

Fabício subiu sozinho a escada, mas Fátima só conseguiu chegar até o helicóptero carregada pelo tenente.

O tempo nem foi percebido. O pesadelo de Fátima e Fabício só acabou após os primeiros socorros na enfermaria do hospital.

Depois dos pais, os primeiros a visitarem os jovens foram Carolina e Rogério.

Toda espetada de agulhas, com soro e medicamentos, quando viu a amiga, Fátima disse:

- Eu ganhei a aposta!

Que aposta era aquela, só Carolina compreendeu. Entre risos e lágrimas, as duas trocavam olhares cúmplices.

Logo em seguida apareceram Lúcia e Argemiro. E esse primeiro encontro dos educadores com os pais foi difícil, quase agressivo. Porém já não era mais hora para ódios e rancores. Graças ainda à interferência dos filhos e dos amigos, acabou havendo uma conciliação, com a promessa de retirada de queixa da delegacia.

Muitos colegas também passaram por lá: Marco Antônio, Érica, Tiago, Ricardo, Ana Maria, Valéria e outros. João Paulo mandou flores e cartão de felicidades.

À noite, na festa de formatura, Lúcia fez um emocionado discurso, falando do ano letivo que ora findava, lembrando com carinho todos os formandos e expressando seu sofrimento durante a busca do casal desaparecido.

- ... Lamentamos que Fátima e Fabício não possam estar presentes aqui hoje. Mas, sem dúvida alguma, esta festa também é deles.

Carolina e Rogério dançaram a noite inteira, sob os olhares curiosos de Elizabete e Otávio, de Cardoso e Vilma. Conversaram muito também, comentando a sorte dos amigos.

- Será que dessa vez a Fátima vai amar de verdade? – perguntou ela.

- E Fabício, será que vai preferir morar com a mãe ou com o pai? – questionou ele

Mas, como nenhum dos dois poderia, por enquanto, responder a essas perguntas, Rogério fez uma proposta:

- Agora que eles estão bem, que tal a gente pensar um pouco em nós, juntos, daqui pra frente?

Carolina apenas sorriu e encostou a testa no queixo dele, para mais um número de música lenta.

O baile só terminou de madrugada. E quem comprou o jornal, na manhã de domingo, viu a foto de Fátima e Fabrício estampada na primeira página.

Ao ler as manchetes, Elizabete pediu para a filha:

- Carol, um dia desses, você lê o Tarô pra mim?